

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO “CARLOS ALBERTO REYES  
MALDONADO”**

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**JULIANA ISABEL RIBAS FAGUNDES DE CARVALHO**

**CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS PAITER SURUÍ X PARÂMETROS DAS LÍNGUAS  
DE SINAIS**

**CÁCERES-MT**

**2023**

**JULIANA ISABEL RIBAS FAGUNDES DE CARVALHO**

**CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS PAITER SURUÍ X PARÂMETROS DAS LÍNGUAS  
DE SINAIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Wellington Pedrosa Quintino.

CÁCERES-MT  
2023

© by Juliana Isabel Ribas Fagundes de Carvalho, 2023.

Tereza Antonia Longo Job CRB CRB1/1252

C331c	<p>CARVALHO, Juliana Isabel Ribas Fagundes. Constituição dos Sinais Paiter Suruí X Parâmetros das Línguas de Sinais / Juliana Isabel Ribas Fagundes Carvalho - Cáceres, 2023. 86 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (não)</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023. Orientador: Wellington Pedrosa Quintino</p> <p>1. Sinais Indígenas. 2. Línguas Locais. 3. Língua de Sinais Paiter Suruí. 4. Indígenas Surdos. I. Juliana Isabel Ribas Fagundes Carvalho. II. Constituição dos Sinais Paiter Suruí X Parâmetros das Línguas de Sinais: .</p> <p>CDU 376.33:81'221.24</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

**JULIANA ISABEL RIBAS FAGUNDES DE CARVALHO**

**CONSTITUIÇÃO DOS SINAIS PAITER SURUÍ X PARÂMETROS DAS LÍNGUAS  
DE SINAIS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino  
Orientador(a) – PPGL/UNEMAT.

---

Prof. (a) Dr.(a) Valéria Faria Cardoso  
Avaliador(a) Interno(a) – PPGL/UNEMAT.

---

Prof. (a) Dr.(a) Nilce Maria da Silva  
Avaliador(a) Externo(a) – UNEMAT.

---

Prof. (a) Dr.(a) Ana Regina e Souza Campello  
Avaliador(a) Externo(a) – DESU/INES.

**APROVADA EM: 28/03/2023**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos indígenas surdos, da Aldeia Gapgir, na linha 14 de Cacoal, que são a causa dessa pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha filha, marido, pela paciência neste período de estudo no mestrado.

Em nome da minha tia Queila, agradeço a todos os intérpretes que auxiliaram nessa caminhada, sempre que precisei contei com minha tia na interpretação seja nos momentos de estudos ou nas minhas bancas de qualificação e defesa, meus agradecimentos.

A minha mãe Rosiane Ribas de Souza Eler pelo incentivo nessa minha caminhada de estudos e por partilhar seu conhecimento comigo, na sua atuação como coorientadora.

E aos professores por cada aula maravilhosa no ensino e no compartilhar do conhecimento.

Ao meu orientador professor Welligton Pedrosa Quintino pela sua contribuição na área da linguística para os estudos com as línguas de sinais indígenas.

Eu agradeço a toda minha família e a Deus por tudo.

## EPÍGRAFE

Pode-se ter ou imaginar a fala sem um corpo, mas não se pode ter uma língua de sinais sem um corpo. O corpo e a alma do usuário dessa língua, sua identidade humana única, expressam-se continuamente no ato de comunicar-se. (Sacks, 2002, p. 134).

## RESUMO

Os surdos quando não têm acesso a uma língua de sinais oficial criam sua própria comunicação visual. Esta necessidade inata a todo ser humano acontece devido à sua necessidade de se comunicar. Esta pesquisa está vinculada ao programa de Pós-Graduação em Linguística, na linha de pesquisa Estudo de Processos Descritivos, Análise e de Documentação de Línguas Indígenas Na aldeia indígena Gapgir, em Cacoal/RO temos um grupo de indígenas surdos que criaram sinais para comunicação com seus pares. Esses sinais em uso por esse grupo estão dando origem a uma nova língua de sinais, a Língua de Sinais Paiter Suruí (LSPS). Esta pesquisa tem o objetivo de verificar se os sinais próprios dos surdos indígenas Paiter Suruí, contemplam os parâmetros da Língua de Sinais Brasileira e fazer uma descrição inicial dos sinais que analisei. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, com olhar etnográfico, com aporte da metodologia pós crítica, os dados utilizados para análise foram retirados das pesquisas de Eler (2017, 2020), Gregianini (2017) e Costa (2017). Essas pesquisas contribuíram para a afirmação linguística dos surdos indígenas dessa aldeia. Para análise dos sinais no que se refere aos parâmetros foi utilizado como base de o quadro de configuração de mãos de Pimenta (2006), a orientação das mãos, o ponto de articulação e as expressões não manuais na composição de um sinal foram fundamentadas nos estudos de Quadros e Karnopp (2004). O referencial teórico que sustenta as análises são Felipe (2006), Lucinda Ferreira (2010) e Quadros (2019) que traz os conceitos de parâmetros e explicam que para um sinal ser formado, ele passa por pelo menos três dos cinco parâmetros de língua de sinais e que as línguas de sinais são de modalidade espaço visual, utilizam o corpo as expressões faciais, as mãos na produção e percepção dos sinais. Os parâmetros são formados pela configuração de mãos, orientação, ponto de articulação, movimento e as expressões não manuais. Para fundamentar a pesquisa com indígenas surdos utilizamos como referencial Vilhalva (2012) que fez o mapeamento de indígenas surdos em Mato Grosso do Sul. Como resultado dessa pesquisa encontramos sinais com três parâmetros da Libras, sinais com quatro parâmetros e com cinco parâmetros. Dentre esses sinais estão o sinal de PEIXE, COBRA, COCAR, ÁGUA, BATATA DOCE, PULSEIRA, entre outros. Assim, os sinais da LSPS apresentam a estrutura básica das línguas de sinais, no que se refere aos parâmetros da Libras. Essa pesquisa contribui para o reconhecimento linguístico na constituição dos sinais da LSPS, língua essa que está em desenvolvimento pelos indígenas surdos Paiter Suruí.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sinais indígenas. Línguas locais. Língua de Sinais Paiter Suruí. Indígenas surdos.

## ABSTRACT

The deaf when they do not have access to an official sign language create their own visual communication. This need, innate to every human being, happens because of their need to communicate. This research is linked to the Postgraduate Program in Linguistics, in the research line Study of Descriptive Processes, Analysis, and Documentation of Indigenous Languages In the indigenous village Gapgir, in Cacoal/RO we have a group of deaf indigenous people who created signs to communicate with their peers. These signs in use by this group are giving rise to a new sign language, the Sign Language Paiter Suruí (LSPS). The purpose of this research is to verify whether the signs used by the Surui indigenous deaf people follow the parameters of Brazilian Sign Language and give an initial description of the signals that I have analyzed. The methodology used was the case study, with an ethnographic look, with support from post-critical methodology, the data used for analysis were taken from the research of Eler (2017, 2020), Gregianini (2017) and Costa (2017). These researches contributed to the linguistic affirmation of the deaf indigenous people of this village. For the analysis of signs regarding the parameters, the hand configuration framework of Pimenta (2006) was used as a basis; the hand orientation, the point of articulation and the non-manual expressions in the composition of a sign were based on the studies of Quadros and Karnopp (2004). The theoretical framework that supports the analyses are Felipe (2006), Lucinda Ferreira (2010) and Quadros (2019) who bring the concepts of parameters and explain that for a sign to be formed, it goes through at least three of the five sign language parameters and that sign languages are of visual space modality, use the body the facial expressions, the hands in the production and perception of signs. The parameters are formed by hand configuration, orientation, point of articulation, movement, and the non-manual expressions. To support the research with deaf indigenous people we used as a reference Vilhalva (2012) who mapped the deaf indigenous people in Mato Grosso do Sul. As a result of this research we found signs with three parameters of Libras, signs with four parameters and five parameters. Among these signs are the signs for FISH, COBRA, COCAR, WATER, BATATA DOCE, PULSEIRA, among others. Thus, the LSPS signs present the basic structure of sign languages, with regard to the parameters of Libras. This research contributes to the linguistic recognition in the constitution of the LSPS signs, a language that is under development by the deaf Paiter Surui Indians.

**KEYWORDS:** indigenous signs. Languages locations. Paiter Suruí Sign Language. Deaf India.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais;

CEEJA – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos;

CM – Configuração de Mãos;

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos;

ISA – Instituto Socioambiental;

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais;

LS – Língua de Sinais;

LSPS – Língua de Sinais Paiter Suruí;

MEC – Ministério da Educação;

M – Movimento;

MT – Mato Grosso;

MS – Mato Grosso do Sul;

O – Orientação;

PA – Ponto de Articulação;

REN – Representação de Ensino;

RO – Rondônia;

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação;

SPS – Sinais Paiter Suruí;

SC – Santa Catarina;

UNEMAT – Universidade Estadual do Mato Grosso;

UNIR – Universidade Federal de Rondônia.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Aula no Ensino médio para surdos com professora bilíngue .....	17
Figura 2 – Aula interpretada na turma de Ensino Médio Bilíngue.....	18
Figura 3 – Momento de atividades práticas com a turma de Ensino Médio Bilíngue.....	18
Figura 4 – Localização da Terra Indígena Sete de Setembro no Estado de Rondônia .....	21
Figura 5 – Escola Indígena José do Carmo Santana.....	22
Figura 6– Imagem via satélite mais aproximada da Aldeia Gapgir e da escola indígena.....	22
Figura 7 – Mapa com as pesquisas em línguas de sinais locais no Brasil.....	32
Figura 8 – Sinais mapeados na pesquisa de Eler (2017) .....	36
Figura 9 – Orientação das mãos na composição de um sinal .....	42
Figura 10 – Orientação das mãos na composição de um sinal.....	42
Figura 11 – Ponto de articulação ou locação.....	43
Figura 12 – Locações descritas por Quadros e Karnopp (2004) .....	43
Figura 13 – Expressões não manuais.....	45
Figura 14 – Sinal com três parâmetros RESPONSABILIDADE.....	46
Figura 15 – Sinais com 4 parâmetros CONHECIMENTO.....	46
Figura 16 – Sinais com 5 parâmetros CLARO.....	47
Figura 17– Sinais mapeados na pesquisa de Eler (2017) .....	53
Figura 18 – Sinal de COBRA em LSPS.....	53
Figura 19 – Sinal de ÁGUA em LSPS.....	54
Figura 20 – Sinal de PEIXE ELÉTRICO em LSPS.....	55
Figura 21 – Sinal de PEIXE em LSPS.....	56
Figura 22 – Sinal de COCAR em LSPS.....	56
Figura 23 – Sinal de BATATA-DOCE em LSPS.....	57
Figura 24 – Sinal de PULSEIRA em LSPS.....	58
Figura 25 – Sinal de VENTILADOR em LSPS.....	59
Figura 26 – Sinal de APONTADOR em LSPS.....	60
Figura 27 – Sinal de CADERNO em LSPS.....	61
Figura 28 – Sinal de BORRACHA em LSPS.....	62
Figura 29 – Sinal de PROVA em LSPS.....	63
Figura 30 – Sinal de URUCUM em LSPS.....	64
Figura 31 – Sinal de BANHEIRO em LSPS.....	65

Figura 32 – Sinal de IGREJA em LSPS.....	66
Figura 33 – Sinal de BICICLETA em LSPS.....	67
Figura 34 – Museu Paiter A Soe.....	67
Figura 35 – Sinal de MUSEU em LSPS.....	68
Figura 36 – Sinal de COLAR em LSPS.....	68
Figura 37 – Sinal de LÁPIS em LSPS.....	69
Figura 38 – Sinal de ESCOLA em LSPS.....	70
Figura 39 – Sinal de PAPAGAIO em LSPS.....	71
Figura 40 – Sinal de BOI em LSPS.....	72
Figura 41 – Sinal de INGÁ em LSPS.....	73
Figura 42– Sinal de FLOR em LSPS.....	73
Figura 43 – Sinal de SOL em LSPS.....	74
Figura 44 – Sinal de GALINHA em LSPS.....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Configuração de mãos.....	41
Quadro 2 – Tipos de movimentos.....	44
Quadro 3 – Comparativo com Sinais formados com 3, 4 e 5 parâmetros da Libras e LSPS.....	48

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>21</b>
<b>APRESENTAÇÃO DOS PAITER SURUÍ .....</b>	<b>21</b>
<b>1.1 Conhecendo um pouco sobre a aldeia Paiter Suruí.....</b>	<b>21</b>
<b>1.2. A iconicidade presente na comunicação dos indígenas surdos Paiter .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 Histórico de Língua de Sinais Indígenas e de Línguas de Sinais não Oficiais do Brasil... 25</b>	
<b>1.3.1 Línguas Indígenas de Sinais .....</b>	<b>26</b>
<b>1.3.2 Pesquisas com grupos de indivíduos que utilizam línguas de sinais não oficiais/locais ... 26</b>	
<b>1.4 Indígenas surdos Paiter Suruí.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Metodologia .....</b>	<b>35</b>
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>38</b>
<b>PARÂMETROS DAS LÍNGUAS DE SINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 Contribuição de Stokoe para os estudos fonológicos das Línguas de Sinais.....</b>	<b>38</b>
<b>3.2 Teoria sobre parâmetros Libras .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO IV.....</b>	<b>51</b>
<b>4.1 Estudos dos Sinais Paiter Suruí.....</b>	<b>51</b>
<b>4.2 Visão surda sobre os sinais Paiter Suruí .....</b>	<b>51</b>
<b>4.3 Parâmetros da Libras presentes nos sinais Paiter Suruí .....</b>	<b>52</b>
<b>4.3.1 Sinais com cinco parâmetros.....</b>	<b>53</b>
<b>4.3.2 Sinais com quatro parâmetros .....</b>	<b>55</b>
<b>4.3.3 Sinais com três parâmetros.....</b>	<b>70</b>
<b>4.4 Considerações sobre a influência da cultura nos sinais nos sinais Paiter Suruí. ....</b>	<b>72</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>78</b>
<b>ANEXOS - Sinais originais utilizados na dissertação .....</b>	<b>81</b>
<b>Parecer Técnico nº 002/13 – CEE/SEB/SEDUC. ....</b>	<b>84</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema gerador as línguas de sinais locais ou não oficiais, de um grupo de indígenas surdos. As pesquisas, nas duas últimas décadas, sobre língua de sinais tiveram um aumento significativo nos meios acadêmicos. Essa evidência sobre a pessoa surda se deve à oficialização da Lei de Libras n.º 10.436/2002. Em 2005 o Decreto Federal n.º 5.626, tratou de regulamentar as especificidades da pessoa surda, seja linguística ou de inclusão na sociedade, na escola, no mercado de trabalho, enfim em todas as esferas da vida social.

Os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, e o uso da língua de sinais estão sendo pesquisados, como referencial de construção da identidade cultural da comunidade surda. Traz-se nessa pesquisa mais um grupo de surdos, os indígenas surdos, de uma comunidade no município de Cacoal - Rondônia.

Esse grupo de indígenas surdos, se comunicam com sinais próprios, que foram surgindo da necessidade de comunicação, esses sinais foram mapeados em pesquisas de Eler, Costa e Gregianini (2017 e 2020). Nas línguas de sinais para se compor um sinal é usado alguns dos parâmetros que são a configuração de mão, orientação, ponto de articulação, movimento e sinais não manuais. Assim, nesta pesquisa foram analisados os sinais já mapeados nas pesquisas acima citadas, para ver se contemplam os parâmetros da Libras.

A escolha do tema, se deu pelo fato de despertar a minha curiosidade sobre esse grupo de indígenas surdos, a partir de uma visita à aldeia em 2016, e trazer esse tema para esta pesquisa é uma forma de colocar em discussão esse grupo de surdos, que estão distantes dos grandes centros urbanos e que para se comunicar, criam sinais próprios que mostram a influência de sua cultura e conhecimentos próprios de sua aldeia.

A questão que motivou esse estudo foi verificar se os indígenas surdos que se comunicam através de sinais próprios nomeados em pesquisas anteriores de Sinais Paiter Suruí (SPS), se esses sinais apresentam a estrutura básica das línguas de sinais, em específico os cinco parâmetros da Libras? O objetivo deste estudo foi verificar se os sinais próprios dos surdos indígenas Paiter Suruí, contemplam os parâmetros da Língua de Sinais Brasileira e fazer uma descrição inicial dos sinais que analisei. Para alcançar o objetivo percorremos os seguintes pressupostos: verificar quais pesquisas foram realizadas ou estão em andamento no Brasil sobre indígenas surdos; conhecer, de forma breve, a história do povo Paiter Suruí; descrever sobre a cultura e identidade da pessoa surda e sobre a influência da cultura própria do surdo indígena

nos sinais da Língua de sinais Paiter Suruí (LSPS); identificar se os sinais mapeados dos surdos indígenas Paiter Suruí de Cacoal, possuem os cinco parâmetros da Libras, e proporcionar a discussão sobre os processos de desenvolvimento das línguas de sinais, de grupos distantes dos grandes centros urbanos.

Para que possam entender meu interesse pela língua de sinais, falarei um pouco da minha história de vida. Eu nasci surda, devido minha mãe ter contraído rubéola na gravidez, foi muito difícil para minha família, pois não sabiam como lidar com uma criança surda. Então, com o intuito de me ajudar, minha mãe começou a estudar sobre a surdez para poder saber como interagir comigo. Ela foi trabalhar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), onde teve acesso aos primeiros cursos para educação de surdos. Eu frequentava a APAE duas vezes por semana, com atendimento de fonoaudiologia, que ocorreu desde os meus dois anos de idade, até aos dez aproximadamente.

Minha vida escolar foi sempre muito complicada devido à falta de capacitação dos professores em trabalhar com alunos surdos. Quando eu estava no 2º ano do Ensino Fundamental I iniciou um projeto na escola que eu estudava para inclusão dos alunos surdos. Esse projeto foi resultado da luta da minha mãe e de outras famílias, para melhorar a qualidade da educação surdos em Ji-Paraná. Nesse projeto nós alunos surdos, tínhamos acompanhamento na sala de recurso todos os dias, no horário oposto à turma regular, com uma professora bilíngue que trabalhava conosco em língua de sinais os conteúdos que precisávamos para avançar nas séries, tínhamos um professor surdo que acompanhava esses atendimentos duas vezes por semana.

Em 2001, participei de um projeto da Secretaria Estadual de Educação, denominado: “O Surdo e o Computador”, e a professora responsável convidou minha mãe para ajudá-la como voluntária. O projeto atendia os surdos matriculados nas escolas regulares da cidade, e acontecia uma vez por semana no período da manhã, com atividades voltadas para a alfabetização de surdos. Conforme o andamento do projeto, os surdos foram divulgando para outros surdos e a cada semana apareciam novos alunos surdos para participarem do projeto.

A partir desse projeto, uma equipe de professores, entre eles a minha mãe, lutando para melhorar a educação de surdos, começaram a organizar a educação dos surdos na cidade de Ji-Paraná, Rondônia. Em 2004, foi iniciado um projeto no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), para atender aos surdos que haviam se evadido da escola, devido à falta de inclusão e intérpretes de Língua de Sinais, e estavam estudando na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

No Instituto de Estadual de Educação Marechal Rondon, seriam atendidos os surdos crianças que estavam com idade série compatível.

Com esses projetos, os surdos começaram a se reunir e a fortalecer a comunidade surda da cidade de Ji-Paraná, com isso a Língua Brasileira de Sinais – Libras, começou a se expandir entre eles e aqueles surdos que não sabiam Libras, com o convívio com os outros surdos, sinalizantes da Libras, começaram a aprender a língua também. Os professores com muita dificuldade, aprendiam Libras através do Dicionário Digital do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e com os próprios alunos.

O Ministério da Educação (MEC), ofereceu um curso de Libras, onde uma professora e um aluno surdo tiveram a oportunidade de participar, e repassaram o mesmo aos demais alunos e professores da equipe, realizado em forma de grupos de estudo, utilizando o material que adquiriram nesse curso.

Eu fui estudar no ano de 2004 no Instituto de Estadual de Educação Marechal Rondon para participar desse projeto, durante um período, eu estudava no ensino regular e no contraturno, tinha atendimento com uma professora bilíngue. Esse contato com meus pares linguísticos foi fundamental para meu desenvolvimento escolar, duas vezes por semana, tínhamos um professor surdo que atendia nessa sala de recurso, nos ensinando cultura e identidade surda.

Em 2007, a minha mãe fazia parte do grupo de professores que estavam na organização do trabalho com surdos na Secretaria Estadual de Educação – Representação de Ensino (REN). Então ela e outra professora se inscreveram para irem fazer um curso para atendimento de alunos surdos no INES, um curso com duração de 6 meses. Tive a oportunidade de ir com minha mãe para o Rio de Janeiro, fiquei estudando no INES, enquanto minha mãe fazia o curso.

Foi então quando eu pude ter o contato mais profundo com a minha língua materna, a Língua de Sinais, numa turma só de alunos surdos, foi muito importante para a aquisição da Libras. A minha professora no INES foi a Geise, ela era excelente, aprendi rápido a Língua de Sinais e a comunicação com meus amigos surdos. A experiência no INES foi um diferencial no meu desenvolvimento, pude ter contato direto com meus pares linguísticos.

O INES é uma escola só para surdos, com metodologia voltada para o aluno surdo, a língua de instrução é a Libras, a língua natural do surdo. No INES participei de vários projetos dentro do Instituto, voltados para o aluno surdo, participei de projetos de Contação de Histórias Infantis em Libras, Orientação Sexual, Informática, Oficinas Artesanais e Esportes.

Foi uma experiência ímpar em minha vida, nos meses que estudei no INES, adquiri a fluência da Língua de Sinais, pois na minha cidade os professores não eram fluentes na Libras,

preparavam as aulas com sinais do dicionário de Libras para ensinar os alunos. No INES eu tive acesso a Língua de Sinais na estrutura correta e como era minha língua natural, avancei muito em conhecimento e conteúdos também. Pois o surdo precisa de uma pedagogia visual, uma metodologia pensada para ele, onde o canal de aprendizagem não é o auditivo que é o que ele tem acesso nas escolas regulares e sim o visual, que é como ele aprende por imagens e de uma aula ministrada em Libras com um professor fluente na língua dele.

Mesmo com a luta dos familiares e professores, do projeto de inclusão dos alunos surdos na minha cidade, só consegui ter intérprete de Libras em sala de aula no ano de 2008. A partir de então foi melhorando minha acessibilidade linguística nas aulas do ensino regular.

Em 2012, fui participar de um projeto de Ensino Médio Bilíngue, pois os alunos surdos que iniciaram o projeto no CEEJA de ensino modular estavam terminando o Ensino Fundamental. Foi organizado esse projeto de Ensino Médio Bilíngue só para alunos surdos. Esse projeto teve apoio da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) que o autorizou, através do Parecer Técnico nº 002/13 – CEE/SEB/SEDUC, como mostrado nos anexos.

Nesse projeto atuaram professores bilíngues que já faziam parte da equipe de professores desde 2004, quando o trabalho de inclusão do surdo iniciou. As aulas eram em Libras, um professor surdo, pedagogo trabalhando em Libras, uma professora que trabalhou os componentes curriculares de exatas e o professor que ministrou biologia não tinham fluência em Libras, então eram acompanhados por intérpretes de Libras.

Figura 1- Aula no Ensino médio para surdos com professora bilíngue.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Os dois professores que trabalharam as disciplinas de exatas e biologia, não sabiam Libras, mas planejavam suas aulas com as orientações dos professores bilíngues recorrendo à estratégias visuais para contemplar as especificidades dos surdos que primavam pelo visual para compreender os conteúdos e suas aulas eram interpretadas para a Libras. O projeto foi concluído em 2014 quando encerramos o Ensino Médio.

Figura 2- Aula interpretada na turma de Ensino Médio Bilíngue.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Figura 3- Momento de atividades práticas com a turma de Ensino Médio Bilíngue.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

Meu sonho era fazer faculdade de Letras Libras no Rio de Janeiro no INES, mas não foi possível. No ano 2015, foi criado o curso de Letras Libras em Porto Velho, eu fiz o Enem, que é requisito para o ingresso na Universidade e fui a única surda matriculada no curso Letras

Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Assim, se iniciava mais uma etapa de dificuldades, pois na minha turma só tinha eu de surda, o restante, eram ouvintes. No ano seguinte entraram mais surdos na outra turma, então eu fiz algumas disciplinas com a outra turma para ter contato com meus pares linguísticos. Tive intérprete de Libras e alguns professores surdos, foram muitos os desafios, muitos aprendizados, no início eu viajava em média 360 km para estudar, até que me mudei para a capital. Terminei meu curso superior em Letras Libras em 2019, em seguida participei da seleção do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) e iniciei as aulas em 2020, de forma remota, em plena pandemia do Covid-19.

Meu contato com os indígenas surdos foi em outubro de 2015, fui convidada para visitar a aldeia por dois professores da Unir que pesquisavam lá. O objetivo de acompanhar esses professores era por eu ser uma pessoa surda. Com o intuito de contribuir e interagir com os indígenas surdos, deixá-los mais à vontade, por eu também ser surda.

Para essa visita foi feito contato anteriormente, com um dos professores indígenas da escola, integrantes do projeto de pesquisa que estava sendo realizado pelos professores da Unir. Saímos às 6 horas da manhã de Ji-Paraná, eu, o professor João Carlos Gomes, a professora Rosiane Ribas de Souza Eler e outra pesquisadora que estava fazendo outra pesquisa nessa mesma aldeia. A aldeia fica localizada aproximadamente 45 km no município Cacoal, chegamos às 08:30 horas na aldeia. Nos encontramos na escola com um professor pesquisador indígena e visitamos na companhia dele algumas famílias que tinham filhos surdos. Nessa visita mantive diálogo com alguns indígenas surdos mesmo sem saber os sinais da LSPS.

Em outra visita que fiz na aldeia em fevereiro de 2017, acompanhando o professor João e a professora Rosiane, fomos com objetivo de dar continuidade ao mapeamento. Nesse encontro a produção de dados seria individual, cada indígena iria sinalizar os sinais da categoria da palavra da pesquisa em andamento. Combinamos que os alunos indígenas viriam um por vez, para sinalizar a mesma categoria de palavras.

Enquanto um dos meninos veio sinalizar, sua prima e outra menina indígena surda também chegaram lá no local que estávamos, mesmo não sabendo os sinais próprios deles consegui me comunicar com elas, isto devido à iconicidade presente na comunicação e devido à modalidade visual das línguas de sinais. Conforme Eler (2020), sobre a modalidade visual da língua diz:

A língua de sinais, considerada natural, adquirida em qualquer idade, promove a construção da identidade surda. Identidade que tem como base a cultura visual, pois é

através do visual que o surdo apreende o mundo a sua volta, reafirmado na língua de sinais que é de modalidade visual. (Eler 2020, p. 58).

Ainda, segundo Quadros (2019) ao abordar a visualidade e a iconicidade das línguas sinalizadas:

A iconicidade faz parte das línguas de sinais e permeia todos os níveis linguísticos de seu estudo. Mesmo reconhecendo que ela se manifesta convencionalmente nas diferentes línguas de sinais, ainda assim percebemos tratar-se de um fenômeno bastante produtivo, que evoca os eventos de forma altamente motivada. (Quadros, 2019, p. 121).

Os indígenas surdos no uso dos sinais para se comunicar e se expressar, usam o visual, observa-se a questão da iconicidade. Este fenômeno, segundo Quadros (2019), é natural nas línguas de sinais mais jovens estando em desenvolvimento inicial, é o caso da língua de sinais Paiter Suruí (LSPS).

A seguir abordarei como este trabalho se estrutura.

No primeiro capítulo fiz uma apresentação do povo indígena Paiter Suruí, sua localização geográfica, vida em comunidade, mostrei alguns espaços da aldeia como a Escola Indígena José do Carmo Santana, onde os indígenas surdos estudam. Descrevi sobre a iconicidade presente na comunicação dos indígenas surdos Paiter. Realizei uma abordagem histórica da Língua de Sinais Indígenas e de Línguas de Sinais (LS) não oficiais no Brasil.

Já no segundo capítulo, trago o percurso metodológico, a pesquisa em tela apresenta um estudo de caso de caráter qualitativo apresentando parcialmente aportes da pesquisa bibliográfica, por usar os dados das pesquisas de Eler, Costa e Gregianini (2017 e 2020), se apresenta como estudo de caso porque contempla um grupo específico de indígenas surdos da aldeia Gapgir de Cacoal.

No terceiro capítulo discorro sobre os parâmetros das Línguas de Sinais e as contribuições do linguista Stokoe, para os estudos fonológicos das LS. Na Libras os sinais possuem uma estrutura em sua realização, chamada de parâmetros em Libras. Um sinal para ser formado precisa apresentar pelo menos três, dos cinco parâmetros de Língua de Sinais.

O quarto capítulo, aborda o estudo descritivo dos Sinais Paiter Suruí, comparados com a estrutura no que diz respeito aos parâmetros das línguas de sinais. Trago a visão surda sobre os sinais Paiter Suruí e a análise dos sinais mostrando os sinais da LSPS formados por 3 parâmetros, 4 parâmetros e 5 parâmetros.

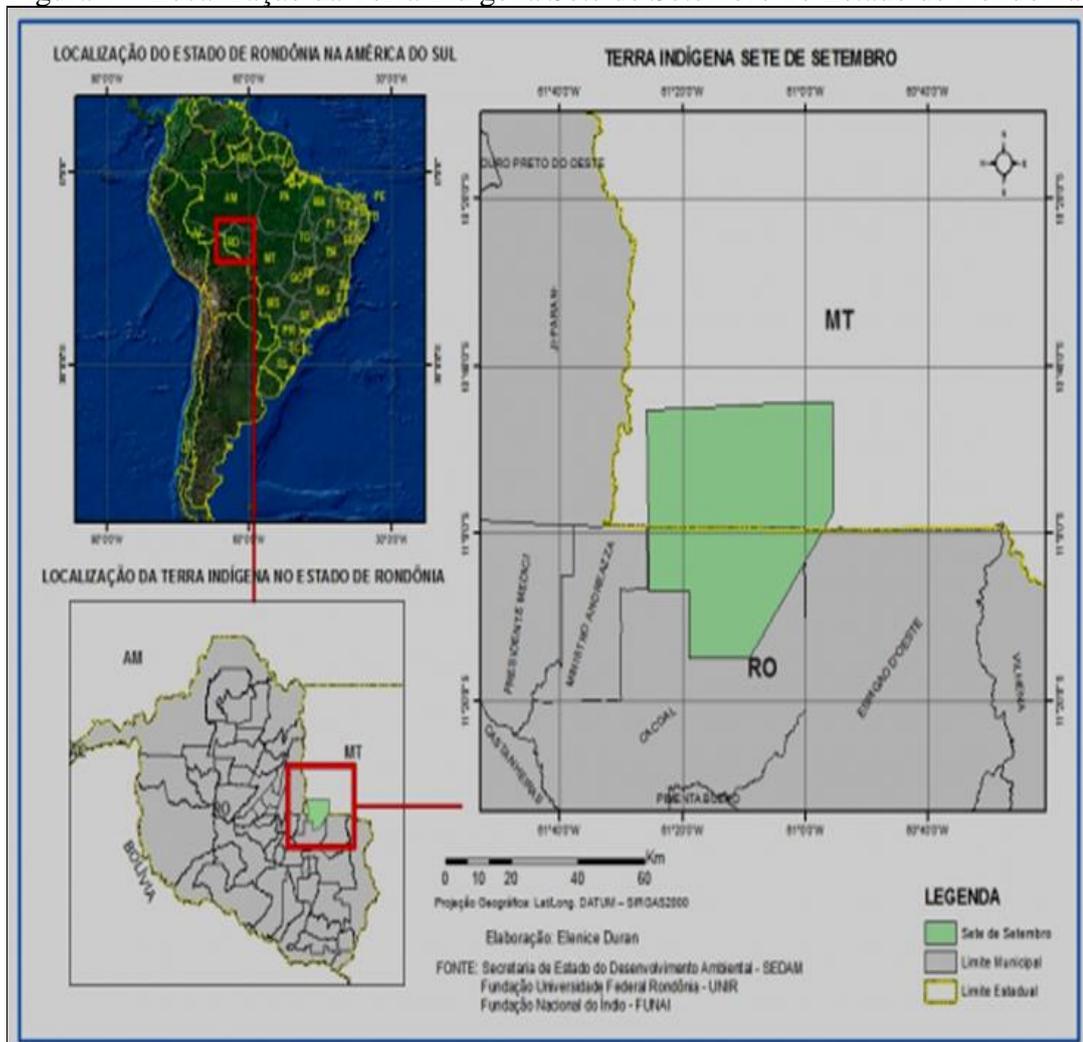
# CAPÍTULO I

## APRESENTAÇÃO DOS PAITER SURUÍ

### 1.1 Conhecendo um pouco sobre a aldeia Paiter Suruí

A aldeia Gapgir, a qual essa pesquisa se destina, está localizada no município de Cacoal, no estado de Rondônia. A distância da cidade de Cacoal à aldeia é de aproximadamente 45 quilômetros. Essa aldeia faz parte da Terra Indígenas denominada Sete de Setembro, da etnia indígena Paiter Suruí.

Figura 4 – Localização da Terra Indígena Sete de Setembro no Estado de Rondônia.



Fonte: Elenice Duran Silva (2015).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10218> > Acesso em maio de 2022. Produzido por SILVA, E.D. Mapa da Terra Indígena Sete de Setembro. Porto Velho: SEDAM/UNIR/FUNAI, 2015.

Nessa comunidade, vivem os oitos indígenas surdos pesquisados, eles estudam na Escola Indígena José do Carmo Santana, localizada dentro da aldeia. Seguem as imagens da escola e da aldeia Gapgir.

Figura 5 – Escola Indígena José do Carmo Santana



Fonte: Gregianini (2017).

Figura 6 - Imagem via satélite mais aproximada da Aldeia Gapgir e da escola indígena.



Fonte: Google Earth, em outubro/2022. (Adaptação pela autora).

Fui visitar por algumas vezes a aldeia indígena Gapgir, nesses encontros conheci os indígenas surdos, e alguns de seus familiares, mães, irmãos e avós.

## **1.2. A iconicidade presente na comunicação dos indígenas surdos Paiter**

Os indígenas surdos no uso dos sinais para se comunicar e se expressar, usam o visual, observa-se a questão da iconicidade. Este fenômeno, segundo Quadros (2019), é natural nas línguas de sinais mais jovens estando em desenvolvimento inicial é caso da língua de sinais Paiter Suruí (LSPS), assim denominada na pesquisa de Eler (2023).

Estudos revelam que nas relações entre gesto e fala (pensando o gesto na forma geral de se conceituar como os sinais das línguas de sinais). A dificuldade da linguagem pode resultar na utilização dos gestos (sinais), essa relação é de interdependência devido às características, o indivíduo surdo vai buscar suprir essa falta nos gestos (sinais), usado de forma alternativa para a comunicação.

Segundo Costa (2017) a comunicação no ambiente familiar na aldeia com os indígenas Paiter Suruí acontece através de apontamentos, gestos e até em forma de desenhos para haver uma clareza no ato comunicativo com os filhos. O uso dos gestos (sinais) na aquisição da linguagem apresenta níveis cognitivos e interativos complexos presentes na comunicação. Portanto, sabe-se que quando há uma dificuldade na língua oral, nesse caso pela falta da audição, por indivíduos surdos, essa falta é suprida alternativamente através da iconicidade das línguas de sinais que é visual, servindo de forma de expressão devido à interdependência das funções simbólicas na comunicação, não só para linguagem oral como na língua de sinais.

Na comunicação do dia a dia entre as famílias e os indígenas surdos criam sinais relacionados às necessidades cotidianas “[...] os surdos indígenas, pela necessidade de uma comunicação imediata, utilizam recursos de apontamento e a utilização de sinais icônicos, os quais deixam transparecer a representatividade da forma ou ação. (Costa, 2017, p. 167).

Observa-se que os sinais vão sendo construídos entre os familiares, com base nas relações sociais vivenciadas por eles. Assim, alguns autores classificam esse tipo de sinais como domésticos ou caseiros, pois são construídos com base na relação de pais e filhos no ambiente familiar. (VILHALVA, 2012).

Nesse sentido, podemos afirmar que os Estudos Surdos, trazem a discussão que nos processos de comunicação entre mãe e filho, nos remete a uma temática da construção de gestos e ícones para a comunicação, as crianças surdas vão criando através dos gestos (sinais) uma comunicação diferenciada com seu ambiente de convívio. Segundo Strobel (2016), o surgimento de uma língua de sinais acontece espontaneamente na utilização de mímicas e gestos realizados por indivíduos surdos na necessidade de comunicação com seu meio social. Corroborando com esse pensamento Eler (2023) diz:

[...] a evolução de uma língua que inicialmente surge com sinais compartilhados e que ao se desenvolver ou amadurecer adquire os aspectos mais complexos de qualquer língua. A língua que surgiu em um grupo social e cultural de forma tímida, ao se desenvolver, determina esse grupo de indivíduos, mais tarde, com o desenvolvimento de uma língua com características gramaticais complexas. (Eler, 2023, p. 59).

Para os autores, os grupos de falantes ou sinalizantes, conforme suas necessidades criam padrões de gestos próprios para objetos, sentimentos e ações do seu cotidiano. O seu aperfeiçoamento vai alcançar a complexidade existente em qualquer língua falada, contemplando todos os níveis linguísticos, a partir principalmente dos trabalhos de Stokoe na década de 60 do século passado:

Desde este estudo seminal de Stokoe até o presente, o campo de estudos das línguas de sinais cresceu significativamente. Esses estudos têm contribuído para a ciência linguística de duas maneiras: por um lado, demonstrando que as propriedades fundamentais das línguas naturais também estão presentes nas línguas de sinais, que vêm sendo então estudadas em seus mais variados níveis de análise (fonético e prosódico, fonológico, morfológico e lexical, sintático, semântico e pragmático); por outro lado, destacando semelhanças e diferenças no modo como línguas de sinais e línguas orais estruturam-se nesses diferentes níveis de análise, contribuindo para o aprofundamento da teoria linguística e para o aprimoramento de suas aplicações sociais na vida da comunidade surda. (Leite; Quadros, 2014, p. 15-16).

Corroborando com esse pressuposto, Araújo e Medeiros, (2019), diz sobre as pesquisas de Stokoe:

[...] pesquisador da Língua Americana de Sinais em seus estudos certificou que a língua de sinais tem sim o seu *status* de língua, relata que ela adquiriu reconhecimento pelas características linguísticas, essa concepção *stokeana* postula que, para uma língua ser considerada natural, ela precisa ser utilizada por uma comunidade como meio de comunicação difusora de valores constituintes de uma identidade que os assemelha, e também devem existir falantes que a adquiriram como primeira língua. (Araújo; Medeiros, 2019, p. 68).

Nesse contexto, podemos afirmar que o ser humano em contato com seus pares, consegue criar formas para se comunicar e nestas formas estão presentes os gestos, os sinais caseiros ou domésticos, criados por surdos em ambientes sem *input* linguístico, com os fenômenos da iconicidade presente nesses sinais, carregadas de expressões culturais desses grupos. Esses sinais vão sendo usados por esses grupos e conseqüentemente dão origem a uma nova língua de sinais, como no caso da LSPS. Quadros (2019), traz uma definição simples sobre a iconicidade: “[...] que os sinais parecem o que significam. No entanto, essa definição carece de complexidade cultural e conceitual atrelada à iconicidade.” (p. 121). Os sinais utilizados pelos indígenas surdos, funcionam nos processos de comunicação no ambiente social e nos processos de ensino e aprendizagem na educação escolar. Identificamos essa relação ao

verificar o depoimento da mãe de um garotinho surdo que revela como ele se refere a irmã mostrando a configuração da barriga da mãe quando estava grávida.

[...] as mesmas propriedades encontradas nas línguas naturais são encontradas nos sinais domésticos e são percebidas na ausência do input linguístico convencional. Segundo a autora, as mães de crianças surdas apresentam gestos simples, enquanto os filhos surdos pelo fato de desenvolverem produções elaboradas, pois a surdez força-os a criar símbolos mais complexos. (Santana ET. AL, 2008, p. 300).

Seguindo esses pressupostos, observa-se que os sinais naturais vão sendo construídos no contexto familiar e social conforme a necessidade vai surgindo nas experiências desses indivíduos surdos.

Os sinais próprios criados pela comunidade surda Paiter Suruí, podem ser utilizados nos processos de ensino e aprendizagem da comunidade surda na educação escolar indígena. Assim, fica a certeza para essa pesquisa: é preciso reconhecer a importância de comprovar que os sinais dos indígenas surdos Paiter Suruí, apresentam os parâmetros para formação dos sinais universais em qualquer língua de sinais no mundo.

### **1.3 Histórico de Língua de Sinais Indígenas e de Línguas de Sinais não Oficiais do Brasil.**

As pesquisas denominadas ‘Estado da Arte’ são de caráter bibliográfico, e buscam levantar e sistematizar conhecimentos numa determinada área de pesquisa. Essas pesquisas são relevantes e segundo Soares, (2000): “[...] são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema, sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas.” (p. 9). Nesse contexto de registro de línguas de sinais não oficiais, as pesquisas nessa área norteiam para um novo campo do conhecimento que, até então, passava despercebido.

Ao caracterizar o Estado da Arte nas pesquisas, Soares, (2000) diz que é preciso: “[...] categorias que identifiquem, em cada texto, e no conjunto deles, as facetas sobre as quais o fenômeno vem sendo analisado”. (p. 09). Com a descrição de várias pesquisas ao longo desse texto podemos observar como ocorre o desenvolvimento linguístico em cada grupo social, o que são comuns entre eles e o que os difere, é como a cultura de cada povo influencia nos sinais criados em cada grupo de surdos espalhados pelo Brasil e no mundo. Assim, corroborando com essa ideia, temos outro autor, Romanowski e Ens (2006), diz que as pesquisas caracterizadas de ‘Estado da Arte’: “[...] objetivam a sistematização da produção numa determinada área do

conhecimento já se tornaram imprescindíveis para apreender a amplitude do que vem sendo produzido.” (p. 39).

### **1.3.1 Línguas Indígenas de Sinais**

Na necessidade de comunicação, o ser humano no contato com seus pares, cria uma forma para se comunicar, com os surdos não difere, assim nasce uma língua natural em comunidades surdas no Brasil e no mundo. Segundo Skliar, o surgimento de uma língua natural, não é um fenômeno biológico, e sim um fenômeno natural que surge pela necessidade de comunicação, nos grupos surdos, o autor afirma que no caso uma língua de sinais é: [...] criada sendo utilizada por comunidades surdas, é específica de usuários e se transmite de geração em geração que muda tanto estrutural como funcionalmente com o passar dos anos.” (Skliar, 2013, p. 27).

A seguir descreve-se algumas das pesquisas concluídas e em desenvolvimento, realizadas com surdos usuários de uma língua de sinais que diferente da Libras que já é reconhecida e tem *status* de língua oficial, essas ainda são línguas não oficiais necessitam de um processo de registro e precisam ser reconhecidas e oficializadas.

### **1.3.2 Pesquisas com grupos de indivíduos que utilizam línguas de sinais não oficiais/locais**

A importância do campo de pesquisa de registro das línguas de sinais não oficiais está fundamentada em Leite e Quadros (2014), que dizem sobre a relevância do estudo e registro dessas línguas de sinais, os autores afirmam:

Alternativamente, surdos e ouvintes usuários de língua de sinais nativas correm um risco real de ver a língua desaparecer, quando confrontados com a existência [...] a importância da documentação para a preservação dessas línguas enquanto patrimônio cultural dos surdos brasileiros e para a promoção da diversidade linguística e cultural necessária a uma real inclusão educacional e social dos surdos no país. (Leite; Quadros, 2014, p. 16).

Os autores colocam em discussão esses grupos sociais que vivem distantes das grandes cidades, mas que pela necessidade inata de todo ser humano de se comunicar, deram origem a uma língua de sinais nativa. Essas línguas de sinais não oficiais correm o risco de desaparecerem com a utilização da Libras, que vem sendo difundida nas aldeias indígenas, como uma língua oficial em detrimento dessas línguas nativas.

Alternativamente, surdos e ouvintes usuários de língua de sinais nativas correm um risco real de ver a língua desaparecer, quando confrontados com a existência de uma

língua de sinais nacional. Esse risco provém de uma visão de que aquilo que provém dos grandes centros é melhor do que aquilo que provém das pequenas comunidades [...] todas as variedades de línguas de sinais utilizadas no Brasil necessitam de um projeto de documentação e vitalização. (Leite; Quadros, 2014, p. 19).

A primeira pesquisa que se tem registro no Brasil, de indígenas surdos foram a dos Ka'apor, no Maranhão. Essa etnia foi pesquisada em 1965, pelo pesquisador Jim Kakumasu do *Summer Institute of Linguistics*, e posteriormente na década de 80, pela pesquisadora brasileira Ferreira Brito, que fez um estudo comparativo das expressões: tempo e espaço na língua de sinais indígena Ka'apor em comparação com a Libras. (Leite; Quadros, 2014).

Essa etnia surgiu há aproximadamente 300 anos, nas proximidades entre os rios Tocantins e Xingu. Devido aos conflitos com colonizadores luso-brasileiros e com outros povos nativos, imigraram por volta dos anos de 1870, do Pará, através do rio Gurupi, para o Maranhão.

Colonizadores brasileiros que atacaram e aniquilaram aldeias Ka'apor, por volta de 1900, ficaram surpresos ao descobrirem esplêndidos cocares de penas coloridas dentro de pequenos baús de cedro, que os sobreviventes, em fuga, teriam deixado para trás. Quando as autoridades brasileiras tentaram 'pacificá-los' pela primeira vez, em 1911, os Ka'apor, como os Nambiquara no Mato Grosso, eram considerados um dos povos nativos mais hostis no país. Tal pacificação, tanto dos Ka'apor quanto dos karáf (não índios), ocorreu em 1928 e durou por quase 70 anos. Recentes invasões da terra dos Ka'apor pelos Karáf, entretanto, ocasionaram novas hostilidades e estão colocando a sobrevivência étnica dos Ka'apor novamente em risco. (ISA, 2021, p. 01).<sup>2</sup>

Atualmente os Ka'apor, possuem uma população de aproximadamente 800 indivíduos, segundo dados pesquisados no *site* do Instituto Socioambiental (ISA). Sua economia se baseia no cultivo da mandioca-brava, através da produção de farinha. Sua alimentação tem como base, frutos e caças de diversos animais selvagens da região. A língua Ka'apor é originária da família Tupi-Guarani, não falada por nenhuma outra tribo ou povo, exceto como segunda língua. Na língua Ka'apor não há regras para distinguir gêneros masculinos e femininos.

Sobre os indígenas surdos Ka'apor e sua Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB):

Os Ka'apor são linguisticamente peculiares na Amazônia por terem uma linguagem padrão de sinais, usada para comunicação com os surdos, que até a metade dos anos 80 compunham cerca de 2% da totalidade de sua população. A incidência de surdez deveu-se evidentemente à boubá neonatal e endêmica, que foi erradicada. (ISA, 2021, p. 02).

A taxa de surdez é elevada na comunidade, segundo Instituto Socioambiental: “[...] de 01 surdo para cada grupo de 75 ouvintes, superior à média de outros povos.” (p. 02). Devido à alta incidência da surdez surgiu a Língua de Sinais Ka'apor Brasileira (LSKB), usada tanto

<sup>2</sup> Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ka'apor> Acesso em agosto/2022.

pela comunidade surda como pelos ouvintes que se comunicam com os indígenas Ka'apor surdos.

Assim, no Maranhão, no povo indígena Ka'apor, tem-se uma língua de sinais estudada e registrada por Jim Kakumasu em 1965, e posteriormente por Lucinda Ferreira Brito entre os anos de 1983 e 1995. Nessa comunidade há interação entre os ouvintes e indígenas surdos (Leite; Quadros, 2014). Em 2020 temos o pesquisador Godoy, que fez um estudo antropológico dos Ka'apor, com o abordando a inter-relação entre os indígenas surdos e ouvintes da essa etnia, bem como os parâmetros que sustentam essa língua de sinais numa “interseção entre os gestos e sinais.” (Godoy, 2020, p. 08).

Shirley Vilhalva (2012), trata da importância das pesquisas em línguas de sinais dos indígenas surdos e diz que: “O mundo totalmente visual-espacial na comunidade surda e atualmente pesquisando sobre a língua, a história e cultura dos índios surdos nas terras indígenas.” (Vilhalva, 2012, p. 24). Assim, as pesquisas que tratam dessa temática auxiliam para que se tenha um novo olhar a esses grupos linguísticos, que ainda tem pouca visibilidade na sociedade atual.

Vilhalva (2012), é uma pesquisadora surda, que tem sido referência para as pesquisas com indígenas surdos, sua pesquisa está registrada no livro *Índios Surdos* (2012), ela abordou a educação escolar de surdos dentro da educação escolar indígena, foram realizadas palestras e capacitações para os professores e familiares, sobre a educação do indivíduo surdo. Nas palestras com os familiares dos indígenas surdos, foram apresentadas outras pesquisas realizadas em alguns estados brasileiros com grupos de indígenas surdos, como os da pesquisadora Giroletti (2008), na aldeia do Povo Kaingang, em Santa Catarina, os de Mato Grosso do Sul das pesquisadoras Sumaio (2014) e Vilhalva (2012), com os povos Terena e Guarani Kaiowá, a fim de esclarecer sobre a importância das pesquisas com os indígenas surdos. A pesquisadora mapeou a quantidade de indígenas surdos no Mato Grosso do Sul em cada aldeia.

No Estado do Mato Grosso do Sul, encontramos várias pesquisas concluídas e em andamento, a pesquisadora Priscilla Alyne Sumaio (2014), pesquisou os indígenas Terena, seu trabalho no mestrado teve como título “Sinalizando com os Terena: um estudo do uso de Libras e de sinais nativos por indígenas surdos”, teve como principais objetivos:

Confirmar se existiam sinais próprios dos Terena, filmar o uso desses sinais e posteriormente, fotografá-los de forma sistematizada para a pesquisa, analisar qual é a relação desses sinais com a Libras, ou, no caso de se tratar apenas de uma variedade da Libras, quais são as diferenças na língua utilizada dessa região em comparação com a Libras utilizada no Sudeste.” (Sumaio, 2014, p. 15).

A pesquisadora deu continuidade em sua pesquisa com os indígenas Terena no doutorado, seu trabalho teve por título “Língua Terena de Sinais: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha, teve como objetivo: “[...] descobrir se os sinais que os surdos Terena e alguns ouvintes estavam utilizando eram sinais caseiros ou uma língua, e se essa língua seria autônoma ou uma variedade da Libras. (Soares, 2018, p. 07). Constatou durante a pesquisa que alguns jovens surdos estavam estudando na cidade e tendo acesso à Libras, mas que no contexto da aldeia utilizam os sinais Terena[[gou à conclusão de que: “Avaliou-se então a fonologia, principalmente, e também o léxico, a morfologia, a sintaxe e a semântica desse sistema, chegando à conclusão de que não constitui variedade da Libras e nem um sistema de sinais caseiros, mas uma língua autônoma. (2018, p. 07).

Continuando com as descrições das pesquisas em Mato Grosso do Sul-MS, encontra-se Luciana Lopes Coelho (2011), com o seu estudo: “A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola”. Sua pesquisa teve como objetivo a centralização nos processos culturais, de comunicação e interação dos estudantes indígenas surdos nas comunidades Guarani-Kaiowá, dos municípios que compõem a região sul do Estado de Mato Grosso do Sul: Amambai, Paranhos e Coronel Sapucaia” (p. 13).

A seguir serão descritas três pesquisas realizadas com indígenas surdos no município de Cacoal no Estado Rondônia, as pesquisadoras foram: Eler (2017) que pesquisou o registro de sinais no ambiente escolar, Costa (2017), no contexto familiar e Gregianini (2017), no contexto social da aldeia. Essas pesquisadoras coletaram dados em simultâneo, com o mesmo grupo de indígenas surdos, mas cada uma com um objetivo diferente. Essas três pesquisas utilizaram a metodologias de pesquisas pós-críticas de Meyer e Paraíso (2012), que tem por base, não haver nenhuma hierarquia entre os envolvidos durante a pesquisa, mas a construção de um coletivo educador que contribua para as ações em grupos, numa ruptura do projeto individual de pesquisa orientado pelos modelos neoliberais. As pesquisas foram realizadas na aldeia Gapgir, na Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal no Estado de Rondônia (RO).

A pesquisa de Eler (2017), teve como objetivo mapear sinais no contexto da educação escolar indígena e como objetivos específicos, buscou mapear os sinais usados pelos alunos surdos do Povo Paiter por categorias, verificar a presença da identidade cultural Paiter Suruí na construção dos sinais, como os ouvintes, professores e alunos se relacionam e se comunicam entre si e os indígenas surdos, e se há reconhecimento da identidade surda na educação escolar

indígena. Os sujeitos da pesquisa foram sete indígenas surdos, os professores indígenas, intérpretes e integrantes da comunidade Paiter Suruí. Os resultados da pesquisa foram o registro de 56 sinais (SPS) por imagens que anteriormente haviam sido filmadas. Esse grupo de indígenas surdos conforme Eler (2017): “[...] criaram sinais próprios para comunicação entre seus pares na escola, influenciados pela visualidade que é uma marca presente na cultura surda.” (p. 8). Nesse ano de 2023, Eler deu continuidade no doutorado na pesquisa com a LSPS, tema foi “Estudo comparativo entre sinais da Libras, ASL e da Língua de Sinais dos indígenas surdos Paiter Suruí.” A pesquisadora utilizou: “[...] oito características de tipos de sinais que segundo Brentari (1998), formam um conjunto básico necessário para descrever a estrutura de qualquer língua sinalizada. (Eler, 2023, p. 20).

A pesquisa de Costa (2017), intitulada Mapeamento dos Sinais da Comunidade Surda do Povo Paiter Suruí, no Contexto Familiar, teve como objetivo fazer o mapeamento dos Sinais Paiter Suruí (SPS), utilizados no processo comunicativo dos indígenas surdos Paiter Suruí, residentes na aldeia indígena Gapgir, Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal no estado de Rondônia. Buscaram-se os seguintes os objetivos específicos:

- a) compreender como o surdo Paiter Suruí se relaciona e se comunica com sua família;
- b) descrever as estratégias utilizadas pela família para a comunicação com filho surdo no ambiente familiar;
- c) registrar os sinais para identificação de gestos e ícones presentes nos sinais. A partir desses objetivos, o estudo busca identificar se os SPS têm influência da Língua Brasileira de Sinais (Libras), registrando quais os elementos da cultura e identidade do Povo Paiter Suruí presentes na configuração dos sinais. (Costa, 2017, p. 8).

Os resultados da pesquisa demonstraram, segundo a autora, que: “[...] os surdos Paiter Suruí apresentam sinais próprios que diferem dos sinais da Língua Brasileira Sinais.” (Costa, 2017, p. 8), e que eles apresentam a marca da cultura dos indígenas Paiter Suruí e a marca da cultura visual que acompanha os sujeitos surdos. Os participantes da pesquisa foram seis famílias e seis surdos indígenas, foram registrados 42 sinais de palavras do contexto familiar.

A pesquisa de Gregianini (2017), teve como objetivo mapear os Sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade. Analisando os sinais na perspectiva da identidade cultural da comunidade indígena, os objetivos específicos foram: identificar uma categoria de palavras de comunicação e expressão do contexto da comunidade, observando os gestos e ícones presentes nos sinais das marcas da cultura e identidade Paiter Suruí presentes na configuração dos sinais. Segundo a pesquisadora, os resultados da pesquisa demonstraram que:

[...] existe uma grande diversidade linguística nas línguas de sinais brasileiras, que acabam passando despercebidas devido à falta de “olhares” para a diversidade étnica

do Brasil. [...] esses sinais carregam em si não somente um canal de comunicação e expressão, mas principalmente revelaram as percepções visuais e relações com a cultura e identidade Paiter Suruí. (Gregianini, 2017, p. 11).

Participaram da pesquisa, um grupo de cinco indígenas surdos jovens entre 13 e 19 anos, pertencentes à etnia do Povo Paiter Suruí. Nesta pesquisa o resultado foi o registro de 21 sinais.

No Estado do Amazonas destaca-se a pesquisa de Marlon Jorge Silva de Azevedo (2015), que pesquisou os indígenas da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins, com o título “Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins”. Esta pesquisa buscou mapear o número de indígenas surdos da região, fazer o registro dos sinais encontrados e “promover intercâmbio com contribuições linguísticas como fundamento na pesquisa de léxico” (p. 57), tendo como objetivos específicos:

i) mapear os índios surdos na microrregião de Parintins; ii) identificar de que forma o índio surdo estabelece a comunicação com sua comunidade, especificamente no âmbito educacional, ou se utilizam línguas de sinais da comunidade local; iii) registrar a forma de comunicação no dia a dia do índio surdo nas comunidades indígenas a partir dos estudos linguísticos da língua de sinais dos grupos existentes e sua relação com a comunidade local; iv) promover o intercâmbio entre a língua de sinais dos índios surdos mapeados da etnia Sateré-Mawé e a Libras da comunidade surda do município de Parintins - Amazonas. (Azevedo, 2015, p. 15).

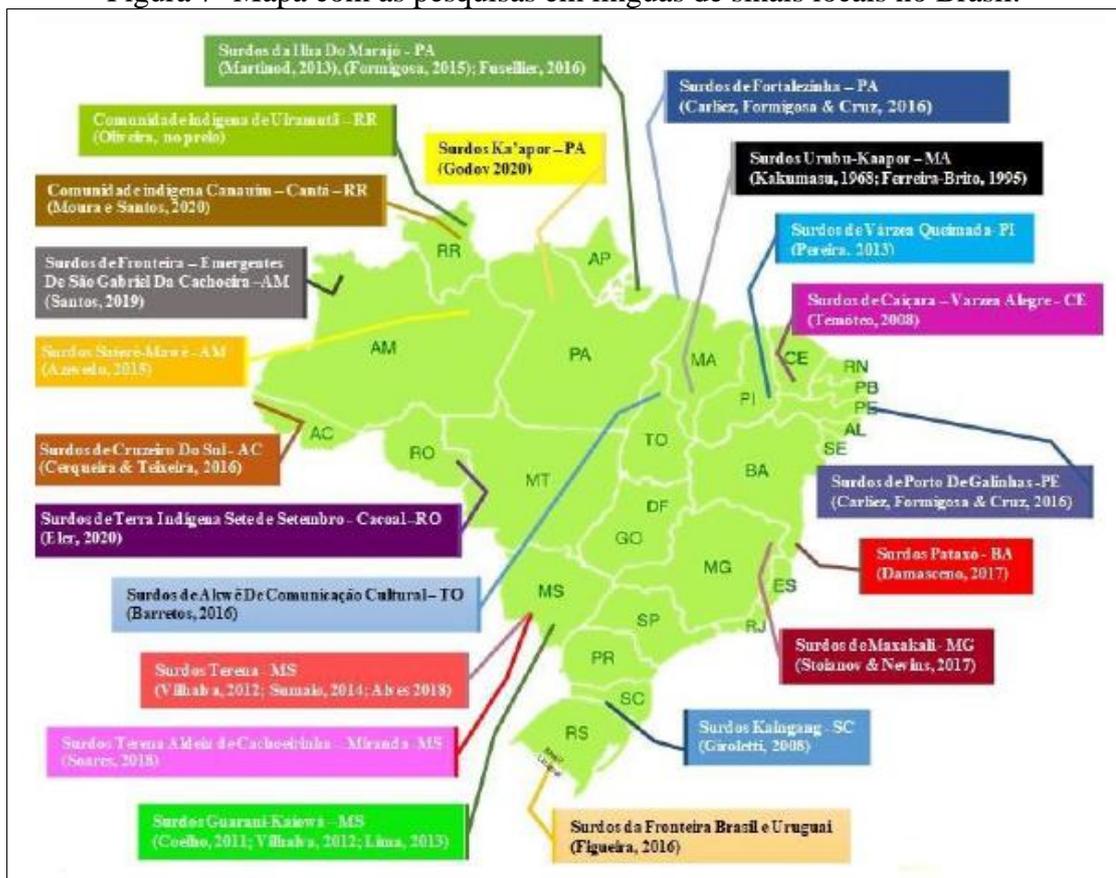
Este estudo teve como resultado, um minidicionário trilingue com os vocábulos encontrados. Segundo o autor: “No registro dos sinais foram observadas a vitalidade da língua e sua utilização nos processos comunicativos [...]. Portanto, o uso social em que uma língua é utilizada nos processos comunicativos é o determinante de seu grau de revitalização. (Azevedo, 2015, p. 15).

Em Santa Catarina, Giroletti (2008), pesquisou surdos indígenas Kaingang, com título “Cultura surda e educação escolar Kaingang”. Seus objetivos foram: “[...] identificar o processo de negociação dos sinais Kaingang, contextualizar e analisar os sinais usados ou criados pelos surdos, em seu ambiente escolar, familiar e social na aldeia do município de Ipuacu - SC” (p. 18). Sua pesquisa foi fundamentada em registrar os sinais observando os traços culturais que constituem a identidade surda desses sujeitos e os contextos que se entrelaçam dos sinais próprios com os de Língua Brasileira de Sinais, com foco nos processos culturais presentes nos sinais criados por esse grupo e seu uso e a utilização de signos próprios da cultura Kaingang.

No Nordeste brasileiro, temos a pesquisa de Pereira (2013), mapeou sinais na comunidade de Jaicós, povoado de Várzea Queimada, no Piauí, um estudo com foco nas discussões e interações que ocorrem entre surdos e ouvintes na constituição dos sinais, chamada na pesquisa de cena. “Cena é o nome dado à linguagem gestual-visual, que recorre a movimentos do corpo todo, expressões faciais e outras possibilidades do entorno para construir o processo comunicativo.” (p. 09). Essa pesquisa registrou alguns sinais utilizados por esse grupo de surdos do cotidiano como alimentos, arroz, feijão, macarrão, farinha de mandioca, água, dias da semana, sinais de alguns membros da família, religiosos, algumas ações como ir ao banheiro, trançar palha entre outros. O pesquisador utilizou os sinais captados nas conversas durante o tempo que passou na aldeia fazendo a pesquisa.

A seguir o mapa com as principais pesquisas em andamento no Brasil, em comunidades indígenas e outras não indígenas, que usam uma língua de sinal local.

Figura 7- Mapa com as pesquisas em línguas de sinais locais no Brasil.



Fonte: Silva (2021, p. 108).

Este mapa mostra as principais pesquisas em comunidades distantes de grandes centros urbanos, o mapa foi produzido por Silva (2021). Essas são algumas das pesquisas em

andamento de grupos que, pela necessidade de comunicação inata a todo ser humano, desenvolvem uma língua de sinais local.

#### **1.4 Indígenas surdos Paiter Suruí**

Essa pesquisa analisa alguns sinais produzidos por indígenas surdos Paiter Suruí, registrados nas pesquisas de Eler (2017 e 2020), Costa (2017) e Gregianini (2017). Esses indígenas surdos foram os que participaram dessas pesquisas e vivem na aldeia Gapgir, distante cerca de 45 km da cidade de Cacoal. Esse grupo, mantém a comunicação na aldeia com seus pares linguísticos, amigos, professores e familiares, por sinais próprios que eles convencionaram para interação e comunicação, os surdos que apresentam algum resíduo auditivo, utilizam-se um pouco da língua oral em sua comunicação. Devido ao trabalho que um professor surdo e uma professora intérprete desenvolvem em um atendimento semanal de AEE (Atendimento Educacional Especializado) na escola da aldeia, e assim esses surdos indígenas têm acesso a alguns sinais da Libras. Quando não são compreendidos recorrem a apontamentos ou sinais próprios criados por eles, denominados nas pesquisas referidas acima de Sinais Paiter Suruí (SPS) e na pesquisa de Eler (2023) de Língua de Sinais Paiter Suruí (LSPS).

[...] mapeamento dos sinais indígenas [...] com um grupo de sete indígenas surdos (duas crianças e cinco adolescentes) que estudam na Escola Sertanista José do Carmo Santana. Estão distantes da comunidade surda mais próxima, com pouco contato com essa comunidade, têm criado seus sinais, denominados nesta pesquisa de (SPS). (Eler, 2020, p. 30-31).

Conforme Costa (2017), para se comunicar com seus filhos, alguns pais usam como alternativa, desenhos e apontamentos: “Os pais afirmaram que quando não é possível a comunicação de forma oral com os filhos, não havendo entendimento, utilizam o desenho como forma de comunicação.” (p. 103).

O primeiro caso de pessoa surda na aldeia foi ano 1989, as possíveis causas da surdez nesse grupo de indígenas ainda não foram comprovadas cientificamente. Nos relatos das famílias feito pela pesquisadora Costa, num dos diagnósticos a informação médica diz que uma das possíveis causas: “[...] seria a forma dos casamentos praticados pela cultura indígena (do tio com a sobrinha, a filha da irmã), mas o pai disse que na cultura indígena eles não são parentes e que culturalmente não identificaram ainda o motivo da surdez nos filhos.” (Costa, 2017, p. 105). Nesses relatos os pais colocam que descobriram a surdez dos filhos, alguns com 1 a 2 anos pelo fato de não desenvolverem a língua oral, outros aos 4 anos, então são várias as hipóteses de causas da surdez nessa aldeia.

O relacionamento na sala aula num relato de um dos professores, ele disse que tem um aluno surdo na sala aula, que esse aluno tem um ótimo relacionamento com um colega, onde um está, o outro está junto. Na sala aula os dois sentam juntos e fazem todas as atividades assim, os dois interagem o tempo todo durante a aula, mas o indígena surdo não demonstra essa interação com os outros colegas da sala. O amigo ouvinte também participa do atendimento feito pela professora no AEE, ela avalia que o contato dos dois é muito importante. Para a criança surda ter um coleguinha que se comunica com ela em sinais é primordial.

Sobre comunicação no meio familiar, em geral, os indígenas surdos usam apontamento em casa, isso foi mostrado nos relatos do país, alguns apresentam algum resíduo auditivo, usam a oralidade para comunicação em casa, quando não são entendidos usam o apontamento para se fazer entender. Ao abordar os apontamentos, Strobel (2016) diz:

[...] sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas, que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais, pois não têm conhecimentos de sons e de palavras. (Strobel, 2016, p.52).

A utilização de apontamentos, auxilia na comunicação em casa com a família, mas esses gestos ou apontamentos utilizados para um tipo de comunicação, não conduzem ao desenvolvimento de uma língua. Como referem Mineiro e Carmo (2016), apenas as interações no meio social de formas variadas e com maior frequência entre um grupo social podem levar ao desenvolvimento de uma língua cuja complexidade estrutural irá se desenvolver com o passar do tempo. É este fenômeno que tem acontecido aos indígenas surdos desta pesquisa, que pelo fato de serem um grupo tem desenvolvido entre si sinais nas interações sociais no ambiente da aldeia que denotam uma língua de sinais em formação.

## CAPÍTULO II

Neste capítulo será abordado o percurso metodológico utilizado nessa pesquisa, busca-se mostrar a forma que cada etapa da pesquisa foi realizada.

### 2.1 Metodologia

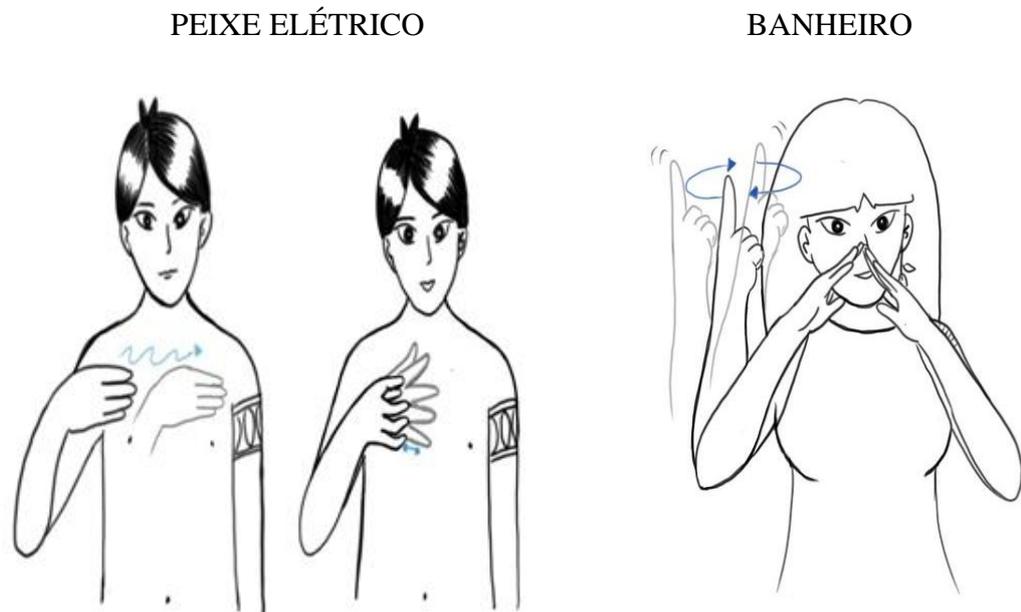
Esta pesquisa se apresenta como um estudo de caso, caráter qualitativo, por apresentar análise de dados de um pequeno grupo de indígenas surdos sinalizantes, caracterizando assim, as particularidades, experiências e perfis de pequenos grupos de pessoas que é análogo ao estudo de caso e às pesquisas qualitativas. Neste caso, os indígenas surdos, que desenvolveram pela necessidade de comunicação sinais próprios denominados nas pesquisas de Eler (2017), Costa (2017) e Gregianini (2017) de Sinais Paiter Suruí (SPS). A pesquisa apresenta parcialmente os aportes da pesquisa bibliográfica, pois o material de análise, será coletado a partir dos resultados dos estudos das dissertações citadas acima, que foram desenvolvidas entre os anos de 2015 a 2017 com esse grupo de indígenas surdos.

Como metodologia, foi utilizado o estudo de caso, com um olhar etnográfico, contribuindo para a afirmação linguística dos indígenas surdos da aldeia Gapgir de Cacoal. Será verificada se os sinais Paiter Suruí contemplam os parâmetros da Língua de Sinais Brasileira. Alguns dos sinais mapeados pelas pesquisadoras serão analisados individualmente fazendo sua descrição. Nesta descrição será mostrado que as estruturas da formação dos sinais passam pelos mesmos parâmetros da Libras. Assim, auxiliando para a superação dos desafios de aceitação da identidade linguística e cultural dos indígenas surdos Paiter Suruí.

As obras utilizadas para análise dos dados são as dissertações de mestrado intituladas “Mapeamento de Sinais da Educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí” (Eler, 2017); “Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade” (Gregianini, 2017), e “Mapeamento dos Sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar” (Costa, 2017).

Como percurso metodológico buscamos os sinais como descritos abaixo das pesquisas acima citadas. Assim resgatamos os sinais registrados como mostrados a seguir:

Figura 8: Sinais mapeados na pesquisa de Eler (2017).



Fonte: Eler (2017, p. 97-98).

Esses sinais estão assim expostos na pesquisa de Eler (2017) em LSPS. Os sinais originais produzidos por Costa e Gregianini (2017), podem ser consultados no anexo dessa dissertação. Nas minhas análises desenvolvi um quadro apontando cada parâmetro encontrado no sinal da LSPS. Assim as análises são de nossa inteira responsabilidade, no que se refere aos parâmetros das línguas de sinais. Apenas os sinais registrados pelas pesquisas de Eler, Costa e Gregianini foram utilizados para mostrar que apresentam os parâmetros das línguas de sinais. Os sinais de Eler (2017), foram reproduzidos como na dissertação. Os sinais de Costa e Gregianini nas respectivas dissertações estavam em formato de fotos, assim esses sinais foram desenhados pela mesma pessoa, Suzana Frota, que outrora tinha feito a reprodução dos desenhos na pesquisa de Eler (2017). Essa ação de transformar as fotos em desenhos foi feita para dar uma harmonia entre os dados analisados. Os sinais reproduzidos em fotografia estão no anexo para consulta.

Os parâmetros das línguas de sinais foram fundamentados em Felipe (2006), e na pesquisadora Lucinda Ferreira Brito, que publicou a primeira descrição gramática da língua de sinais, que conceitua os parâmetros da Libras como: “As unidades mínimas distintivas em Libras são as seguintes, conforme os parâmetros: Configuração de Mãos, Ponto de Articulação, Movimento-Orientação e Expressão Facial.” (Brito, S/D, p. 9). Bem como, Quadros (2019), que fundamenta os parâmetros como articuladores manuais e não manuais dizendo: “A fonética

das línguas de sinais vai se ocupar de todas as unidades de produção e percepção de articuladores manuais e não manuais manifestados de forma gradiente na sua expressão física.” (p. 49).

Os sinais analisados foram um total de 22, eles foram escolhidos a partir da quantidade de parâmetros que queremos demonstrar, ou seja, sinais de três, quatro ou cinco parâmetros presentes no sinal. Da pesquisa de Eler (2017), foram retirados os sinais de PEIXE, COBRA, ÁGUA, APONTADOR, CADERNO, BORRACHA, PROVA, BANHEIRO, LÁPIS e ESCOLA, de Costa (2017), foi BATATA-DOCE, PULSEIRA, VENTILADOR e BICICLETA e Gregianini (2017), COCAR, URUCUM, IGREJA, MUSEU, COLAR, INGÁ, FLOR e SOL.

Assim, essa pesquisa analisou se os sinais usados pelos indígenas surdos contemplam os parâmetros da Libras.

## **CAPÍTULO III**

### **PARÂMETROS DAS LÍNGUAS DE SINAIS**

Neste capítulo será discorrido sobre as contribuições do linguista Stokoe, para os estudos fonológicos das LS e sobre os estudos teóricos sobre os cinco parâmetros das Línguas de Sinais.

#### **3.1 Contribuição de Stokoe para os estudos fonológicos das Línguas de Sinais**

Inicialmente Stokoe, primeiro linguista que comprovou que as línguas de sinais eram legítimas e que passam por todos os níveis de qualquer língua sendo eles o semântico, pragmático, fonológico, morfológico e sintático.

Os estudos linguísticos das línguas de sinais cresceram a partir dos anos 60 do século passado, a partir dos estudos de Stokoe nas últimas décadas e tem desenvolvido pesquisas no nível linguístico de várias línguas de sinais até os dias atuais. A autora Quadros (2019), sobre a Libras afirma: “É uma língua visual-espacial que apresenta todos os níveis de análise linguística, padrões prosódicos e reconhecimento como língua de sinais nacional. (p. 21). Essas línguas, segundo a autora, oferecem evidências de que apresentam todos os níveis linguísticos analisados nas teorias linguísticas.

Nas pesquisas de Stokoe nos anos 60, foram identificados que na formação dos sinais havia três parâmetros: configuração de mão; locação da mão; movimento da mão. Mais tarde, com estudos de Battison (1974, 1978), foram introduzidos mais dois parâmetros, a orientação da mão e expressões não-manuais, segundo Ferreira (2010).

Na Libras os sinais têm uma estrutura em sua realização, denominada de parâmetros da Libras. Um sinal para ser formado, precisa apresentar pelo menos três dos cinco parâmetros de língua de sinais. A Língua Brasileira de Sinais é de modalidade espaço-visual, onde seus usuários têm como recurso o corpo, as expressões faciais, as mãos na produção e percepção dos sinais.

As palavras, as sentenças e os sentidos da Libras são produzidos por meio das mãos, do corpo e da face dentro do espaço à frente do sinalizante, numa composição de unidades menores combinadas para formar os sentidos, percebidos pela visão. (Quadros, 2019, p. 25).

Os parâmetros das línguas de sinais foram fundamentados em Felipe (2006), que conceitua os parâmetros da Libras em combinações que as mãos realizam durante a sinalização

na formação de um sinal. Como referência tem-se o conceito dos parâmetros da Libras de Felipe (2006), que diz:

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros, portanto, nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros. (Felipe, 2006, p. 21).

Corroborando com Felipe (2006), Lucinda Ferreira (2010), pesquisadora que fez a primeira descrição gramatical da língua de sinais nos anos de 1980, através da obra ‘Língua Brasileira de Sinais - Libras’ que trata, de forma resumida, a gramática dessa língua, para auxiliar o seu trabalho pedagógico, traz o conceito dos parâmetros da Libras como: “As unidades mínimas distintivas em Libras.” (Brito, S/D, p. 9). Segundo as autoras, os parâmetros são: a configuração de mãos, orientação, locação, movimento e as expressões não manuais.

O linguista William Stokoe, foi o pesquisador que conseguiu com seus estudos dar reconhecimento às línguas de sinais como legítimas nos estudos linguísticos, que estas perpassam por todos os níveis de qualquer língua, sendo eles o fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. A nível linguístico, conforme Quadros e Karnopp (2004): “Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.” (p. 30). Em suas pesquisas foram identificados três parâmetros: configuração de mão; locação da mão; movimento da mão na formação dos sinais.

Os estudos das línguas de sinais se concentraram na fonologia desde Stokoe (1960), primeiro linguista a propor um modelo fonológico de análise das línguas de sinais a partir da Língua de Sinais Americana (ASL). Stokoe apresenta um estudo das unidades de configuração de mão (formas das mãos). Localização (locais onde os sinais são produzidos) e movimento (atividade empregada na composição da mão em determinada localização) como fonemas usados para compor sinais. (Quadros, 2019, p. 50).

Bem como, Ferreira (2010), cita que posteriormente as pesquisas de Battison (1974, 1978), identificaram nas línguas de sinais mais dois parâmetros, a orientação da mão, como unidade distintiva e expressões não-manuais aos parâmetros indicados por Stokoe.

Assim, nos estudos atuais temos os cinco parâmetros na formação dos sinais em qualquer língua sinalizada, sendo objeto de estudo nessa pesquisa que busca a comprovar a presença deles nos sinais da LSPS.

### 3.2 Teoria sobre parâmetros Libras

Nas línguas de sinais existe uma organização para a formação do sinal. O sinal nas LS é correspondente às palavras nas línguas orais. Esses sinais não são feitos aleatoriamente, existe uma estrutura na sua formação que será descrita a seguir. Essa estrutura análoga à formação das palavras nas línguas orais são os cinco parâmetros das línguas de sinais, sendo eles a configuração de mãos, orientação, locação, movimento e as expressões não manuais.

As línguas de sinais apresentam a modalidade espaço-visual, que difere das línguas orais que apresentam a modalidade oral auditiva. A fonética das línguas de sinais estuda a produção e percepção dos articuladores das mãos e das expressões não manuais. “A diferença na modalidade das línguas de sinais implica formas fonéticas visual-manuais completamente distintas das formas acústicas identificadas nas línguas faladas.” (Quadros, 2019, p. 40).

Segundo Quadros (2019), a fonologia das línguas de sinais trata dos elementos distintivos importantes na formação dos sinais. Existem vários aspectos análogos entre as línguas de sinais e as línguas orais, mas deve-se considerar que os estudos fonológicos das línguas de sinais são mais recentes em relação às línguas orais, estas têm aproximadamente um século de estudos a frente das línguas de sinais. A diferença de tempo de aprofundamento em pesquisa em relação aos estudos fonológicos das línguas de sinais e orais, coloca as línguas de sinais em estado de urgência no desenvolvimento de pesquisas na área.

Dentro da fonologia das línguas de sinais, são contemplados os estudos dos parâmetros das línguas de sinais como critérios para formação dos sinais. Para a formação de um sinal na Libras ou em qualquer outra língua de sinais é preciso passar por esses critérios formados pelos parâmetros. Os parâmetros são formados pela configuração de mãos, orientação, locação, movimento e as expressões não manuais.

As configurações de mãos, são as formas adotadas pela mão, tendo como resultado a posição dos dedos, a direção da palma e o dorso. Cada configuração pode ser feita pela mão dominante (mão direita para os destros, mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos dependendo do sinal, alguns sinais usam uma mão como apoio, outros são simultâneos, feitos com as duas mãos. A seguir veremos o quadro com as configurações de mão desenvolvido por Pimenta (2006):

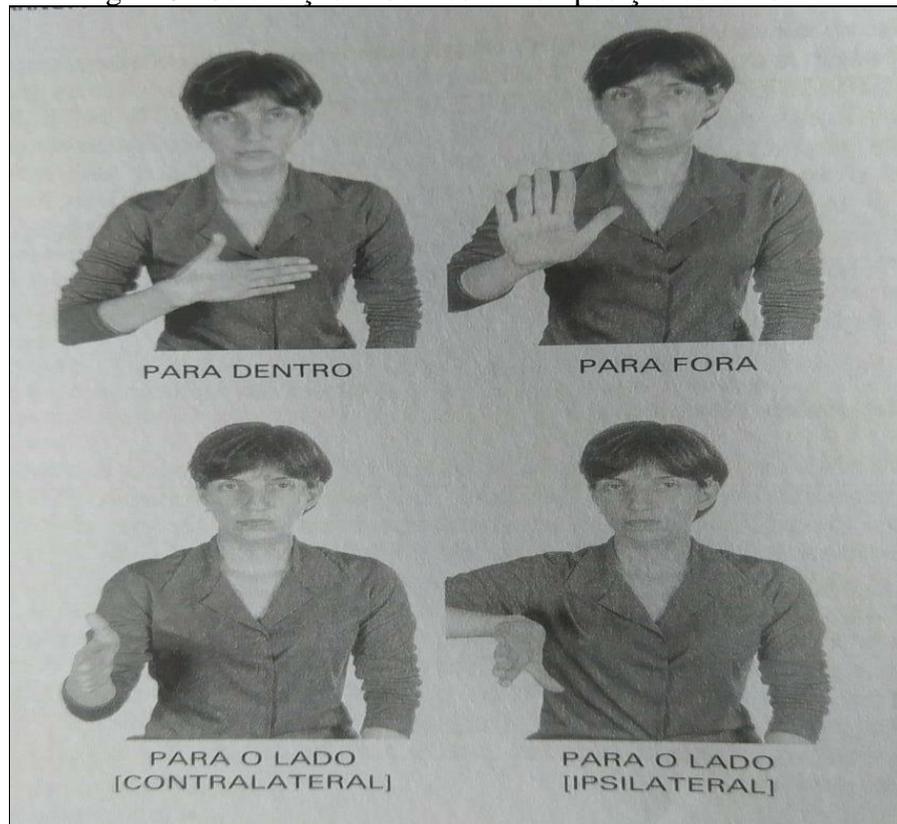
Quadro 1: Configuração de mãos



Fonte: Pimenta (2006, p. 73).

No parâmetro orientação é descrito a direção da palma da mão durante a realização do sinal, essas posições podem ser da mão: voltada para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita, entre outros.

Figura 9: Orientação das mãos na composição de um sinal.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 59).

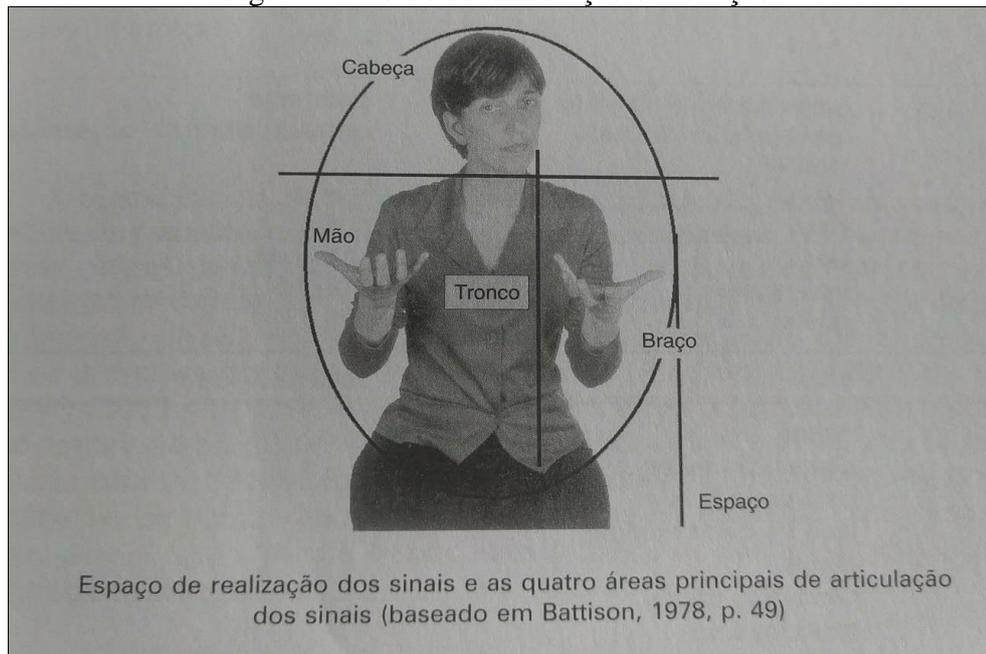
Figura 10: Orientação das mãos na composição de um sinal.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 60).

O outro parâmetro denominado de locação é o ponto ou o local onde é articulado o sinal, ou seja, o ponto de articulação onde o sinal é produzido em relação ao corpo do sinalizante. Vejam os pontos de articulação mostrado em Quadros e Karnopp (2004).

Figura 11: Ponto de articulação ou locação.



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 57).

Segundo Quadros (2019), os principais pontos de articulação são: “[...] (corpo, mão, braço, cabeça, pescoço e espaço neutro).” (p. 52). Sendo os espaços em que as mãos se movimentam ao realizar um sinal. Quadros e Karnopp (2004) desenvolveram o quadro a seguir com as locações tendo como base Ferreira Brito e Langevrin (1995):

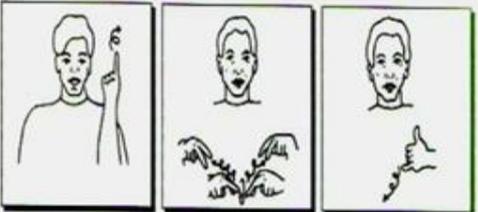
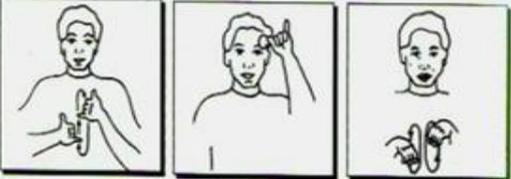
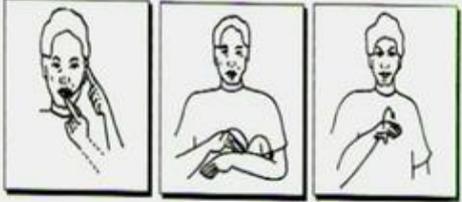
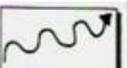
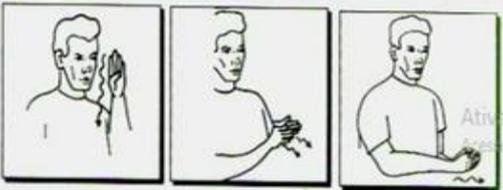
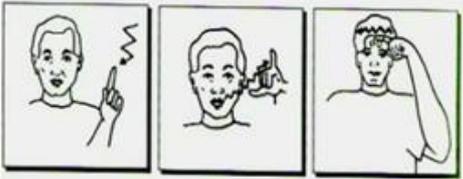
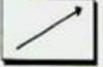
Figura 12: Locações descritas por Quadros e Karnopp (2004).

Locações (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)	
Cabeça	Tronco
topo da cabeça	pescoço
testa	ombro
rosto	busto
parte superior do rosto	estômago
parte inferior do rosto	cintura
orelha	
olhos	braços
nariz	braço
boca	antebraço
bochechas	cotovelo
queixo	pulso
Mão	Espaço Neutro
palma	
costas das mãos	
lado do indicador	
lado do dedo mínimo	
dedos	
ponta dos dedos	
dedo mínimo	
anular	
dedo médio	
indicador	
polegar	

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 58).

Temos também o parâmetro movimento que pode ser direcional ou local, esse parâmetro se refere ao modo em que as mãos se movimentam, para frente, para trás, à direita ou à esquerda, podendo esses movimentos serem lineares, em forma de seta, circular, simultâneos ou alternados, dentre outros. Sobre os movimentos, o quadro abaixo explica cada um deles fundamentados em Strobel e Fernandes (1998).

Quadro 02- Tipos de movimentos

TIPOS DE MOVIMENTOS	
<p>b) movimento helicoidal:</p>  <p>ALT@    MACARRÃO    AZEITE</p>  <p>Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 11).</p>	<p>c) movimento circular:</p>  <p>BRINCAR    IDIOTA    BICICLETA</p>  <p>Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 12).</p>
<p>d) movimento semicircular:</p>  <p>SURD@    SAP@    CORAGEM</p>  <p>Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 12).</p>	<p>e) movimento sinuoso:</p>  <p>BRASIL    RIO    NAVIO</p>  <p>Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 12).</p>
<p>f) movimento angular:</p>  <p>RAIO    ELÉTRICO    DIFÍCIL</p>  <p>Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 13).</p>	<p>Tipos de movimentos</p> <p>a) movimento retilíneo:</p>  <p>ENCONTRAR    ESTUDAR    PORQUE</p>  <p>Fonte: Strobel e Fernandes (1998, p. 11).</p>

Fonte: Desenvolvida pela autora.

E os articuladores não manuais, neles estão o movimento de cabeça de assentimento, sim ou negação; inclinação para frente; inclinação para o lado; inclinação para trás, também o rosto e cabeça projetada para frente; olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas; cabeça projetada para trás e olhos arregalados. Segue o quadro abaixo de descrições da autora das expressões não manuais (Ferreira, 2010).

Figura 13: Expressões não manuais

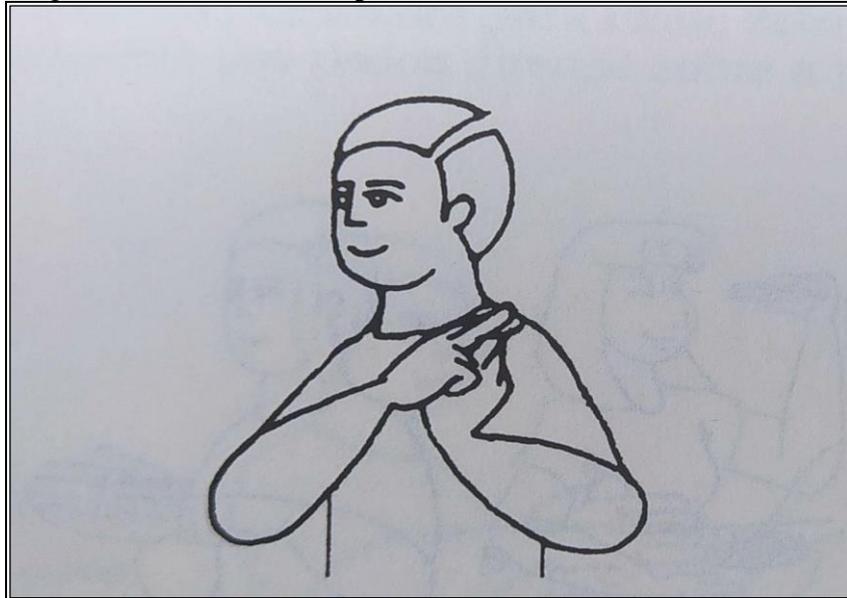
<b>Expressões não-manuais da língua de sinais brasileira</b> (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)	
<b>Rosto</b>	<p><i>Parte superior</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>sobrancelhas franzidas</li> <li>olhos arregalados</li> <li>lance de olhos</li> <li>sobrancelhas levantadas</li> </ul> <p><i>Parte inferior</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>bochechas infladas</li> <li>bochechas contraídas</li> <li>lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas</li> <li>correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha</li> <li>apenas bochecha direita inflada</li> <li>contração do lábio superior</li> <li>franzir do nariz</li> </ul>
<b>Cabeça</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>balanceamento para frente e para trás (sim)</li> <li>balanceamento para os lados (não)</li> <li>inclinação para frente</li> <li>inclinação para o lado</li> <li>inclinação para trás</li> </ul>
<b>Rosto e cabeça</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas</li> <li>cabeça projetada para trás e olhos arregalados</li> </ul>
<b>Tronco</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>para frente</li> <li>para trás</li> <li>balanceamento alternado dos ombros</li> <li>balanceamento simultâneo dos ombros</li> <li>balanceamento de um único ombro</li> </ul>

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 61).

Nas línguas de sinais, as mãos do enunciador representam o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza, o espaço de enunciação é a área em torno do corpo do enunciador. Na realização do sinal são contemplados os parâmetros citados acima, não necessariamente em um sinal será utilizado todos os parâmetros, alguns sinais são compostos

por três, quatro ou cinco parâmetros. Veja a seguir exemplos dos parâmetros presentes na formação dos sinais.

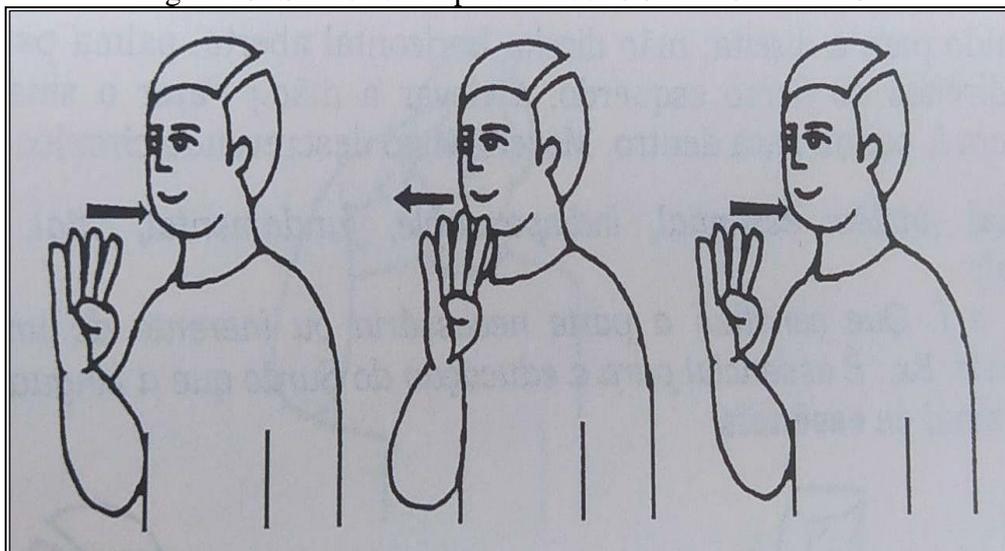
Figura 14: Sinal com três parâmetros: RESPONSABILIDADE.



Fonte: Capovilla (2016, p.129).

Neste sinal apresentam-se 3 parâmetros: configuração de mão (CM), que está em R na tabela de configuração e a CM 24, a orientação (O) da mão para baixo que incide no ponto de articulação (PA) localizado no ombro.

Figura 15: Sinais com 4 parâmetros: CONHECIMENTO.



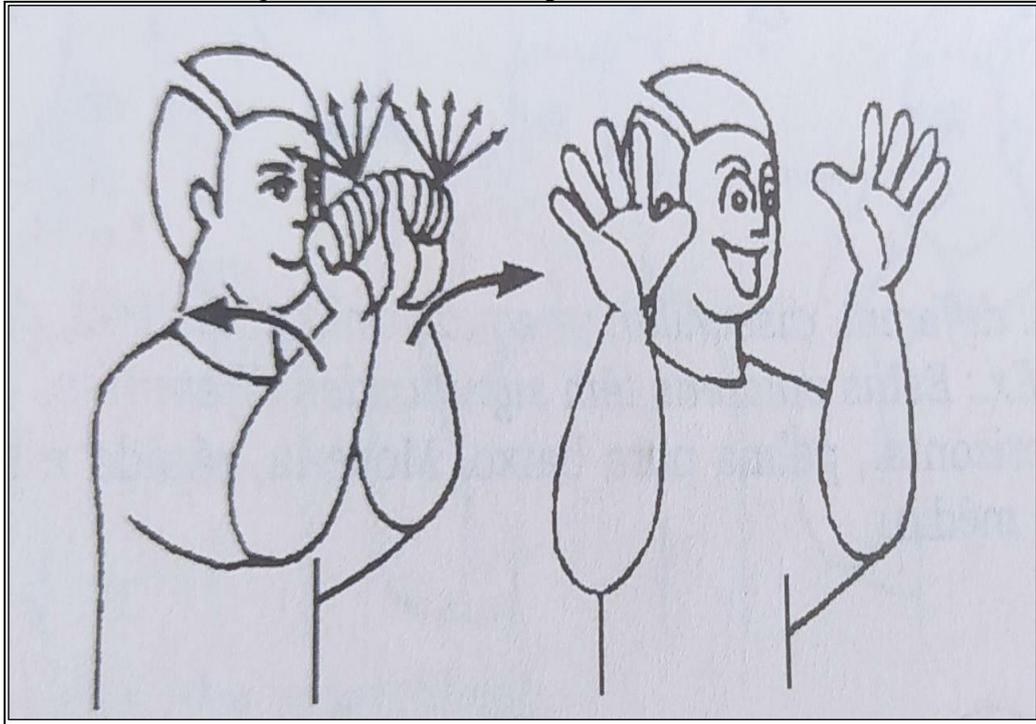
Fonte: Capovilla (2016, p.133).

No sinal da palavra CONHECIMENTO, aparecem 4 parâmetros: configuração de mão é a 55 do quadro de configuração de mãos; locação da mão está com a palma para o lado,

com movimento retilíneo de tocar o queixo com a ponta do dedo indicador; o ponto de articulação é no queixo.

A seguir veremos o sinal de CLARO na Libras.

Figura 16: Sinais com 5 parâmetros CLARO.

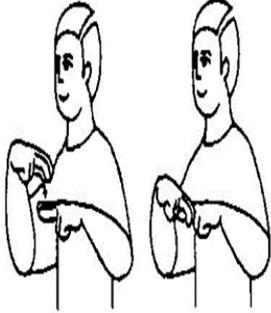


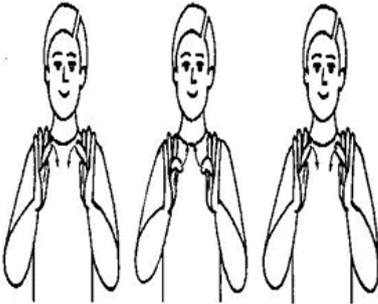
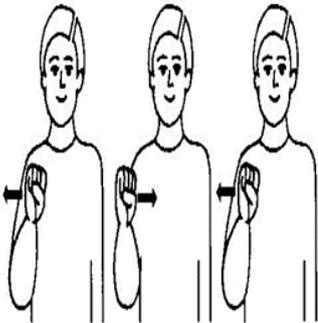
Fonte: Capovilla (2016, p.139).

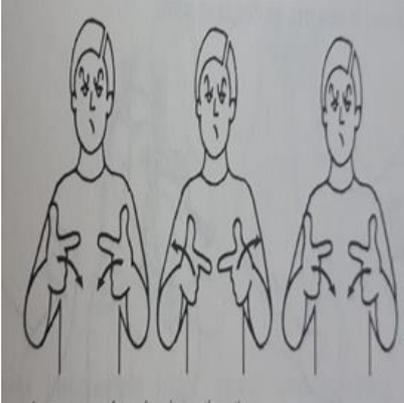
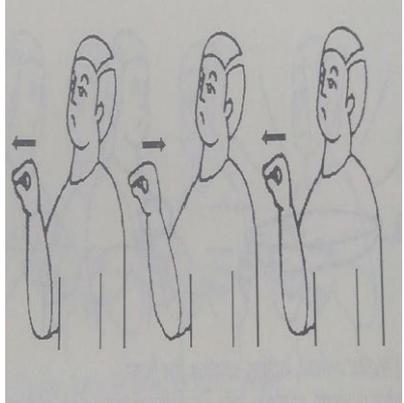
No sinal referente a palavra CLARO temos cinco parâmetros: Configuração de mãos número 1 e 61; locação da mão fechada, depois aberta palma aberta no espaço neutro à frente do corpo; movimento de abrir as mãos e movimento semicircular com as duas mãos; o ponto de articulação acontece no espaço neutro frente ao corpo e expressão facial nos olhos, na primeira parte do sinal olhos mais fechados e na segunda parte do sinal olhos arregalados.

Assim, como na Libras encontramos sinais formados por três, quatro ou cinco parâmetros na LSPS com essas mesmas características. Segue o quadro com sinais formados com três, quatro ou cinco parâmetros nas duas línguas em questão. Serão mostrados a seguir os parâmetros presentes nos sinais da Libras no quadro abaixo, os sinais da LSPS serão analisados no capítulo seguinte como produção dos dados dessa pesquisa:

**Quadro 03 – Comparativo com Sinais formados com 3, 4 e 5 parâmetros da Libras e LSPS.**

	LIBRAS	LSPS
Sinais formados com 3 parâmetros	<p><b>SENTAR</b></p>  <p>Fonte: Capovilla (2011, p. 1182).</p>	<p><b>PAPAGAIO</b></p>  <p>Fonte: Eler (2017, p. 101).  <a href="https://youtu.be/yhlfAfOcGkQ">https://youtu.be/yhlfAfOcGkQ</a></p> 
	<p><b>FARAÓ</b></p>  <p>Fonte: Capovilla (2011, p. 107).</p>	<p><b>BOI</b></p>  <p>Fonte: Eler (2017, p. 96).</p>
<p>SENTAR os parâmetros presentes nesse é a (CM) em '33' e '21', o (PA) é no espaço neutro e (O) é a palma para baixo.</p> <p>FARAÓ os parâmetros presentes nesse sinal são a (CM) em '21', o (PA), na testa e a orientação (O) da palma é para fora ou para frente. Ambos os sinais não tem movimento e também apresentam expressão facial.</p>		

<p><b>Sinais formados com 4 parâmetros</b></p>	<p style="text-align: center;"><b>NAMORAR</b></p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Capovilla (2011, p. 935).</p> <p style="text-align: center;"><b>SOGRA</b></p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Capovilla (2011, p. 1206).</p>	<p style="text-align: center;"><b>PEIXE</b></p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Eler (2020, p. 119). <a href="https://youtu.be/JVwd40sFFio">https://youtu.be/JVwd40sFFio</a></p>  <p style="text-align: center;"><b>PULSEIRA</b></p>  <p style="text-align: center;">Fonte: Eler (2017, p. 101). <a href="https://youtu.be/sX4t9J9qQOs">https://youtu.be/sX4t9J9qQOs</a></p> 
	<p>NAMORAR: os parâmetros presentes nesse sinal é a (CM) em '41', o (PA) é no espaço neutro frente ao corpo e a (O) da palma é uma de frente para outra e o (M) é retilíneo com os dois dedos médios.</p> <p>SOGRA: os parâmetros presentes nesse sinal é a (CM) em '8', o (PA) é no espaço neutro frente ao corpo e a (O) mão fechada para fora e o (M) é retilíneo.</p>	

<p><b>Sinais formados com 5 parâmetros</b></p>	<p><b>CHATO</b></p>  <p>Fonte: Capovilla (2016, p. 143).</p>	<p><b>COBRA</b></p>  <p>Fonte: Eler (2020, p. 120).  <a href="https://youtu.be/qCL4QjQHbMY">https://youtu.be/qCL4QjQHbMY</a></p> 
	<p><b>QUE</b></p>  <p>Fonte: Capovilla (2016, p. 277).</p>	<p><b>PEIXE ELÉTRICO</b></p>  <p>Fonte: Eler (2017, p. 97).  <a href="https://youtu.be/IQoaMBhayZE">https://youtu.be/IQoaMBhayZE</a></p> 
<p><b>CHATO</b> os parâmetros presentes nesse sinal são a (CM) em '38', o (PA) é no espaço neutro frente ao corpo e a (O) palma da mão para dentro e o (M) é semicircular.</p> <p><b>QUE</b> os parâmetros presentes nesse sinal são a (CM) em '17', o (PA) é no espaço neutro frente ao corpo e a (O) mão fechada para frente e o (M) é retilíneo.</p> <p>Fonte: Desenvolvido pela autora.</p>		

Os sinais da LSPS que se encontram na terceira coluna do quadro acima estão analisados no capítulo IV com os parâmetros encontrados em cada sinal.

## CAPÍTULO IV

Neste capítulo abordaremos a análise dos dados, demonstrando o estudo descritivo dos Sinais Paiter Suruí, comparados com a estrutura no que diz respeito aos parâmetros das línguas de sinais.

### 4.1 Estudos dos Sinais Paiter Suruí

O interesse por esta pesquisa surgiu ao me deparar com esse grupo de indivíduos surdos, através de um convite de dois professores da Unir para uma visita nessa aldeia, durante o mapeamento realizado nas pesquisas de Eler, Costa e Gregianini realizadas entre os anos de 2015 e 2017. O foco no registro dessas pesquisas citadas foi norteado pela influência cultural na criação dos sinais, Eler (2017), explica:

No seu dia a dia, vai-se criando naturalmente a sua comunicação partindo da necessidade de se relacionar com seus pares linguísticos, distante da comunidade surda mais próxima, na cidade de Cacoal. Com pouco contato com essa comunidade, vão, de forma natural, a partir de cada vivência, criando seus sinais, com base na cultura Paiter Suruí. (Eler, 2017, p. 35).

Com o resultado dessas pesquisas, pude analisar os sinais que as pesquisadoras registraram, e me inquietou saber se esses sinais apresentavam os mesmos parâmetros das línguas de sinais na sua formação.

### 4.2 Visão surda sobre os sinais Paiter Suruí

Os indígenas Paiter Suruí, utilizam sinais próprios, desenvolvidos por eles, que está sendo nomeado de LSPS. Eles vivem numa aldeia indígena a qual possui distância razoável à cidade mais próxima, eles têm pouco contato com outros surdos não indígenas, mesmo que a escola conte com a presença de um professor surdo, uma vez por semana, eles mantêm os sinais Paiter Suruí criados por eles. Os sinais utilizados por eles estão carregados da cultura indígena da sua comunidade. Sousa (2022) explica:

O léxico, nas línguas orais e nas línguas de sinais, constitui componentes sistemáticos, abertos, dinâmicos e em constante renovação. Nasce no/do/para o ato comunicativo e constroem significados a partir de contextos socioculturais diversos, seja pela intencionalidade do falante/sinalizante, seja pela própria dinâmica da interação entre os usuários da língua. (Sousa, 2022, p. 17).

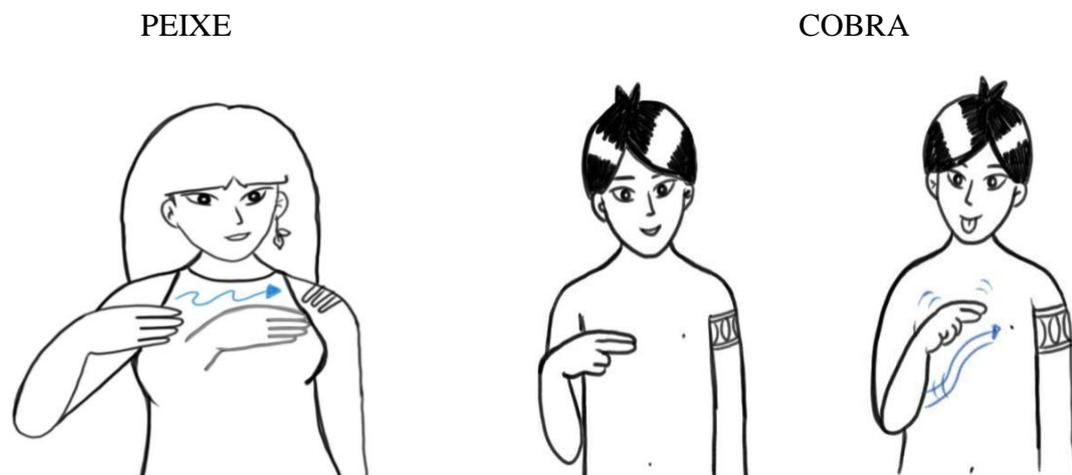
O autor se refere ao léxico tanto das línguas orais como das línguas de sinais, nos sinais Paiter Suruí, comprova-se que no ato comunicativo, vão sendo criados a partir do contexto e das necessidades de comunicação desse grupo de indivíduos. A postura dos surdos, usuários da Libras, que têm contato com esses indígenas, precisa ser a de valorizar os sinais locais em detrimento da Libras. Os indígenas surdos apresentam seu próprio jeito de ser e de sinalizar, que são marcas de novas identidades surdas, que vão surgindo com essas línguas locais. O contato entre eles na escola, em outros momentos da vida cotidiana e social é importante para manter esses sinais e ampliá-los no ato comunicativo.

#### 4.3 Parâmetros da Libras presentes nos sinais Paiter Suruí

Os sinais da LSPS, são formados a partir do contexto cultural do uso da língua, observa-se os traços da cultura Paiter Suruí, presentes nos sinais. Isso é comum, pois os sinais são criados a partir do ato comunicativo dos seus falantes e das suas diversas necessidades comunicativas e socioculturais. “A relação cultural está associada ao fato de os grupos sociais elegerem aspectos específicos que possam lembrar o sentido dos sinais.” (Quadros, 2019, p. 122). Nesta análise identificamos que os sinais da LSPS apresentam os cinco parâmetros das línguas de sinais na composição na sua composição.

Para análise dos sinais utilizamos como base de comparação o quadro de configuração de mãos de (Pimenta, 2006), mostrado anteriormente na página 41, que apresenta 61 configurações de mãos diferentes, a escolha pelo quadro de Pimenta se deu por afinidade de ter sido um quadro produzido por um autor e pesquisador surdo. A seguir apresenta-se o sinal de PEIXE e COBRA como descrito na pesquisa de Eler (2017) em LSPS:

Figura 17: Sinais mapeados na pesquisa de Eler (2017)



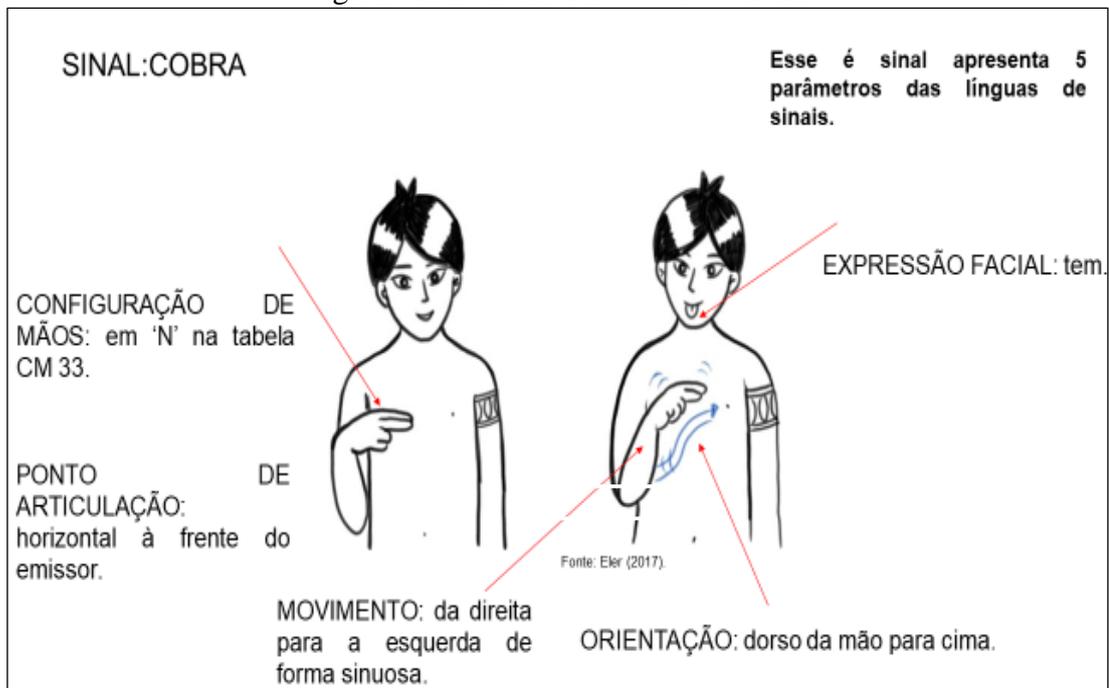
Fonte: Eler (2017, p. 97-98).

A partir do sinal foi desenvolvido o quadro abaixo com o sinal registrado pela autora, acrescentando os parâmetros encontrados no sinal, ou seja, no quadro abaixo o desenho do sinal foi um recorte do mapeamento feito pela autora, as análises dos parâmetros foram por mim desenvolvidas. Assim como todos os outros sinais que se seguem que foram coletados das pesquisas de Eler, Costa e Gregianini (2017).

#### 4.3.1 Sinais com cinco parâmetros

A seguir analisaremos os sinais que apresentam os cinco parâmetros das línguas de sinais. O sinal de COBRA contemplou os 5 parâmetros, nas expressões não manuais foi usado a língua, a forma como a cobra mostra a língua, para completar o sentido do sinal.

Figura 18: Sinal de COBRA em LSPS.



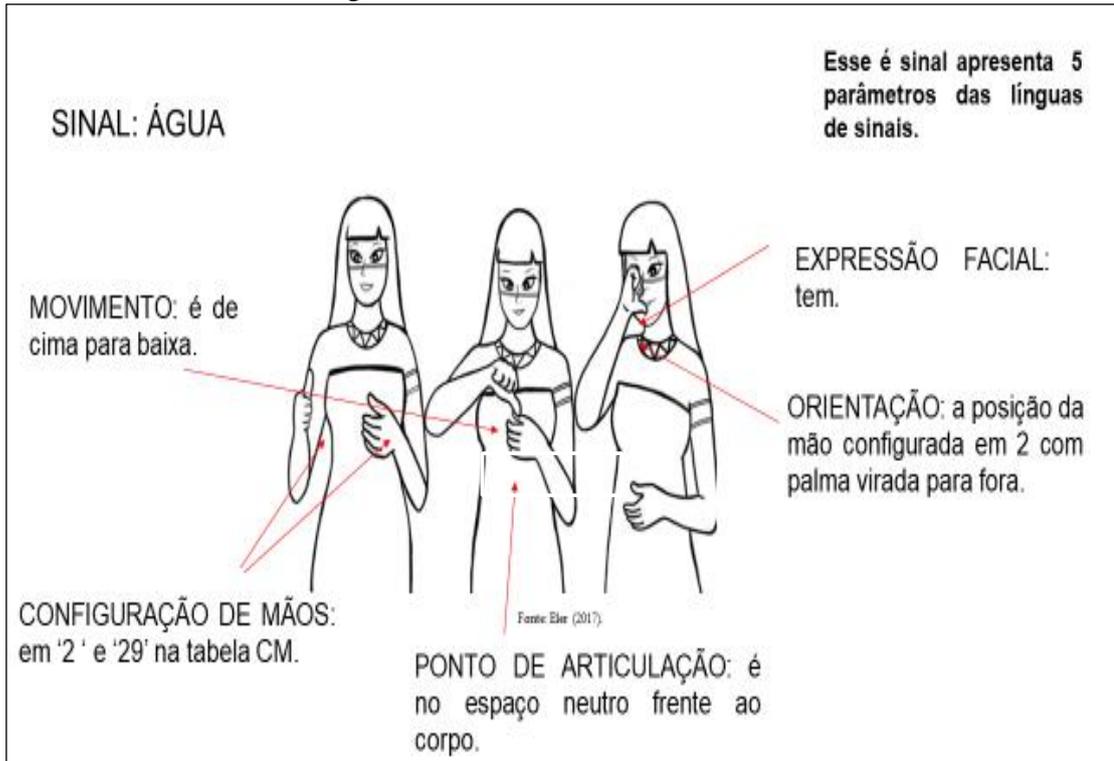
Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/qCL4QjQHbMY>

Veja agora o sinal de ÁGUA:

Figura 19: Sinal de ÁGUA em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



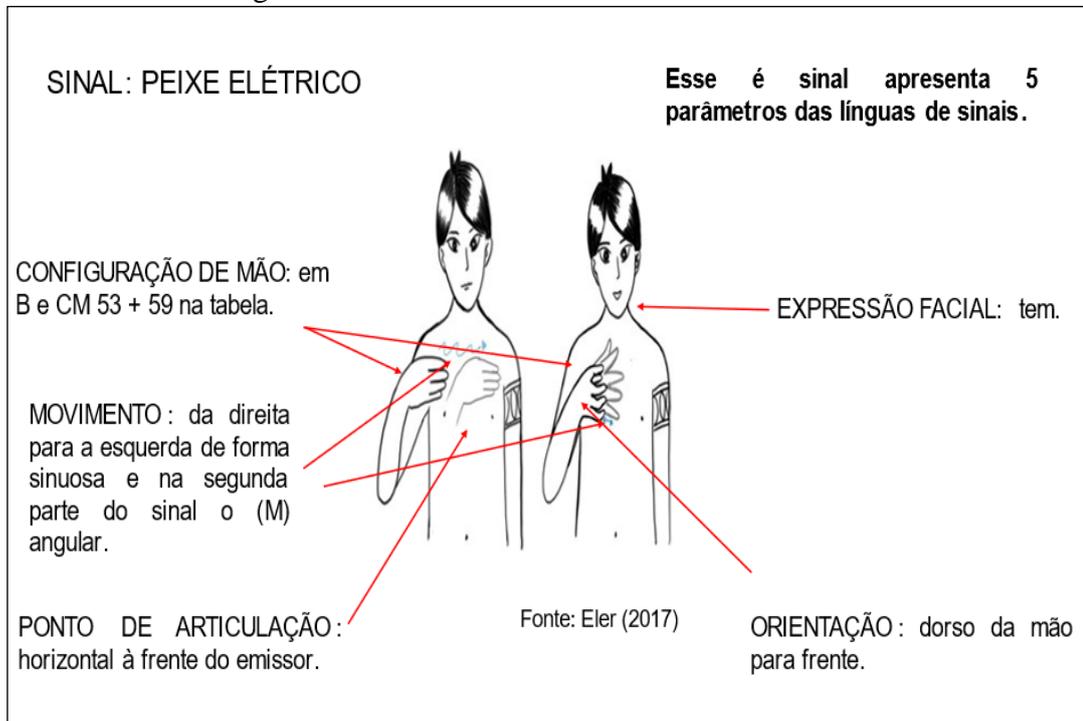
<https://youtu.be/wr4Q8nU8V00>

O sinal de ÁGUA tem na primeira parte do sinal, o parâmetro de configuração de mãos 2 e 29; o ponto de articulação é no espaço neutro frente ao corpo e o movimento é de cima para baixa com orientação da posição da mão configurada em 2, com palma virada para fora e apresenta expressão facial. Na segunda parte do sinal, temos o parâmetro de configuração de mãos em 29; o ponto de articulação é no espaço frente à boca; o movimento é semicircular de cima para baixo com orientação da posição da mão configurada em 2 com a palma virada para fora. Este sinal contempla os cinco parâmetros da Libras. O parâmetro das expressões não manuais está na forma da boca relacionada a ação de beber a água.

Outro sinal que apresenta os cinco parâmetros é de PEIXE ELÉTRICO. Na segunda parte do sinal temos expressão facial com um som de chiar que complementa o sinal. Segundo Eler (2020, p. 118). “Para PEIXE ELÉTRICO, um dos indígenas surdo sinalizou com o sinal

de PEIXE acompanhado com um ‘som de chiar’ e a mão com movimento de abrir e fechar com se estivesse representando o som do choque elétrico.”

Figura 20: Sinal de PEIXE ELÉTRICO em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

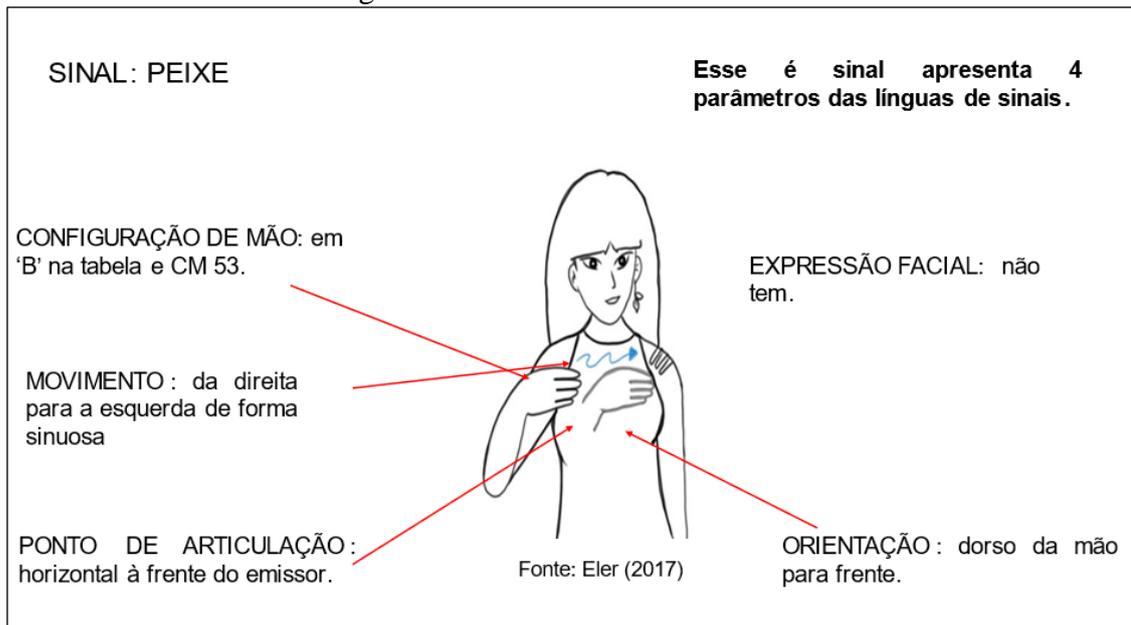


<https://youtu.be/IQoaMBhayZE>

#### 4.3.2 Sinais com quatro parâmetros

Os sinais que apresentam quatro dos cinco parâmetros comuns às línguas de sinais na sua formação são sinais que não apresentam o parâmetro de expressão não manual a seguir veremos os sinais com essa formação.

Figura 21: Sinal de PEIXE em LSPS.



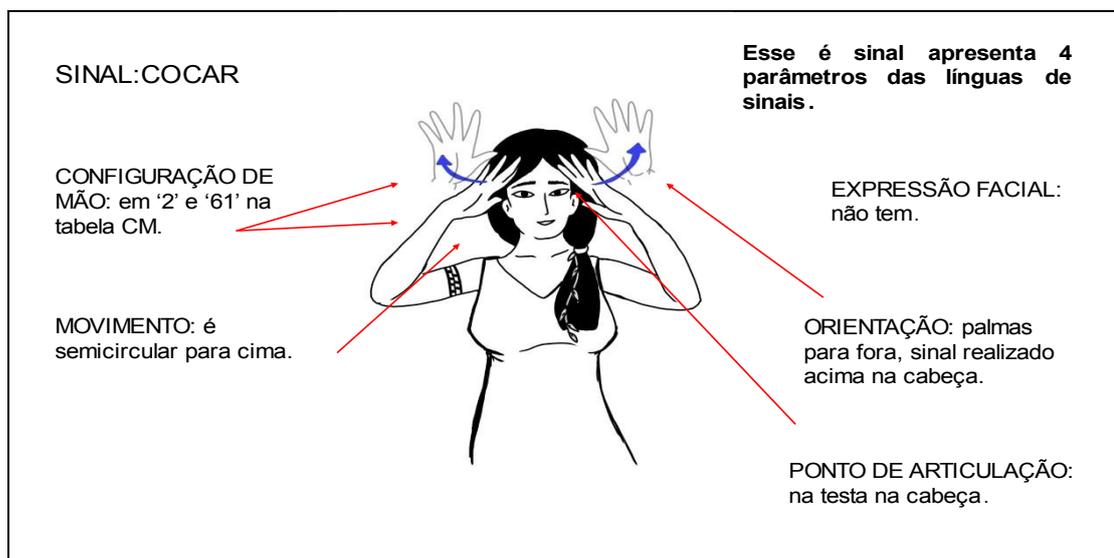
Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/JVwd40sFFio>

Ao analisar o sinal de PEIXE observa-se que apresenta 4 dos 5 parâmetros da Libras, o sinal não apresenta o parâmetro expressão não manual, pois, nem todo sinal apresenta todos os parâmetros. Veja agora o sinal de COCAR:

Figura 22: Sinal de COCAR em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

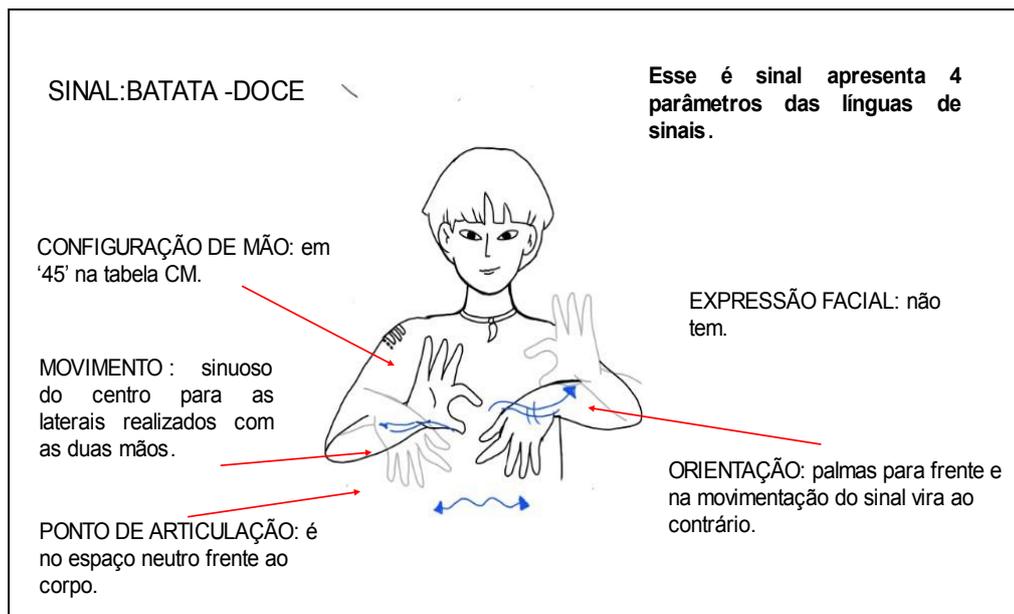


[https://youtu.be/YVck\\_njUMf0](https://youtu.be/YVck_njUMf0)

Ao analisar o sinal COCAR, temos o parâmetro configuração de mãos 22 e depois abre mão com configuração de mãos em 55 do quadro de configuração de Pimenta (2006); o ponto articulação é na testa na cabeça; o movimento é semicircular para cima com orientação posição acima na cabeça e expressão facial não tem.

Segue o sinal de BATATA-DOCE E PULSEIRA mapeado por Costa (2017):

Figura 23: Sinal de BATATA-DOCE em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



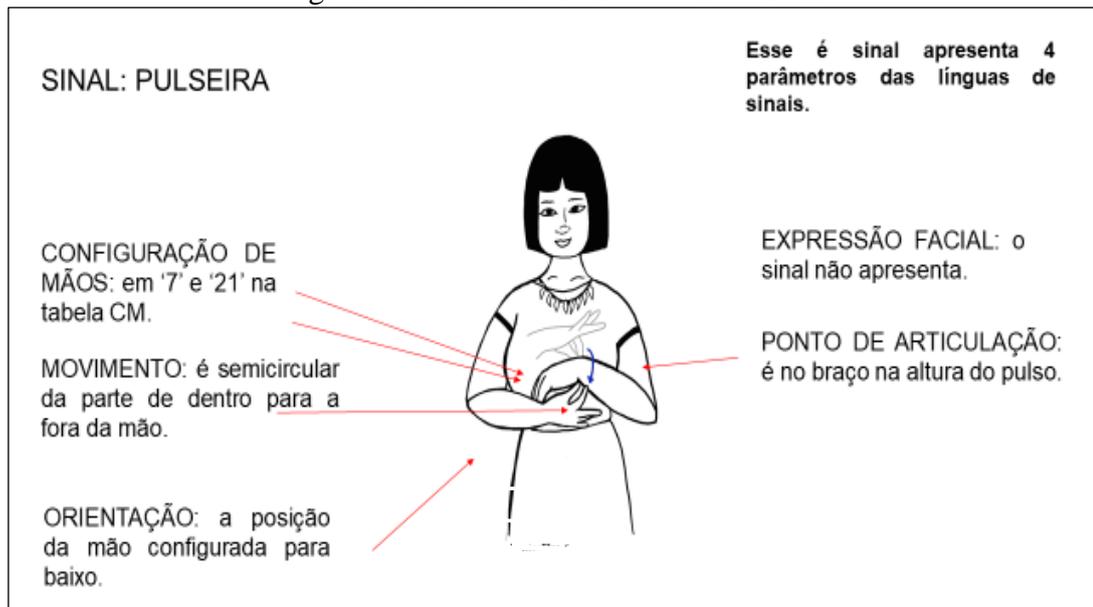
<https://youtu.be/KmSTSIkxBZI>

Analisando o sinal de BATATA-DOCE, observei que apresenta o parâmetro configuração de mãos 60; o ponto articulação é no espaço frente ao corpo, na altura da cintura; o movimento é retilíneo simultâneo do centro para as laterais; com orientação da posição da

mão configurada para cima para baixo conforme acontece o movimento retilíneo e não apresenta expressão facial.

A seguir veremos o sinal de PULSEIRA em LSPS.

Figura 24: Sinal de PULSEIRA em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/sX4t9J9qOOs>

Analisando o sinal de PULSEIRA, temos o parâmetro configuração de mãos 7 e 21, o ponto articulação é no braço na altura do pulso; o movimento é semicircular da parte de dentro para fora da mão com orientação da posição da mão configurada para baixo e o sinal não apresenta expressão facial. Esse sinal apresenta a iconicidade na sua constituição, isso acontece devido à visibilidade presente nas línguas sinalizadas.

O objeto 'ventilador' é conhecido na aldeia, os indígenas surdos usam esse objeto nas suas casas e na escola, Rondônia é um local de clima muito quente, essa aldeia tem energia elétrica, pode ser que para quem desconheça a vida dos indígenas em alguns locais, ainda pensem que vivem de forma primitiva, a aldeia em que esses indígenas surdos vivem apresenta programa de saneamento, cada casa possui um banheiro com tanque ao lado com água

encanada. Foi nesse contexto que sinalizaram BANHEIRO e VENTILADOR, ambos os sinais são icônicos à ação do objeto. Segundo Eler (2020), ao abordar o sinal de BANHEIRO explica:

Observa-se no sinal de BANHEIRO que sinalizaram o sinal de CASA que é usado na Libras, representado pelo ícone do “telhado” juntamente com o movimento da água que foi descrito anteriormente. O ícone do telhado utilizado na construção desse sinal pode ser pelo fato da construção dos banheiros na aldeia ser de um projeto de saneamento, foram construídos separados das casas na forma de uma casinha com banheiro e anexo a ele há os tanques para lavar roupa. (Eler, 2020, p. 108).

O sinal de BANHEIRO será analisado nas páginas seguintes deste trabalho. O sinal de VENTILADOR apresenta a mesma forma do exemplo de pulseira acima citado, com a marca forte da iconicidade. Na formação desse sinal temos o movimento é circular; configurações de mãos estão na posição do quadro de referência em 56 e 60; o ponto de articulação é do lado direito no espaço neutro frente ao corpo; com orientação mão direita com palma para cima, e a mão de apoio do braço esquerdo com palma para cima.

Figura 25: Sinal de VENTILADOR em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



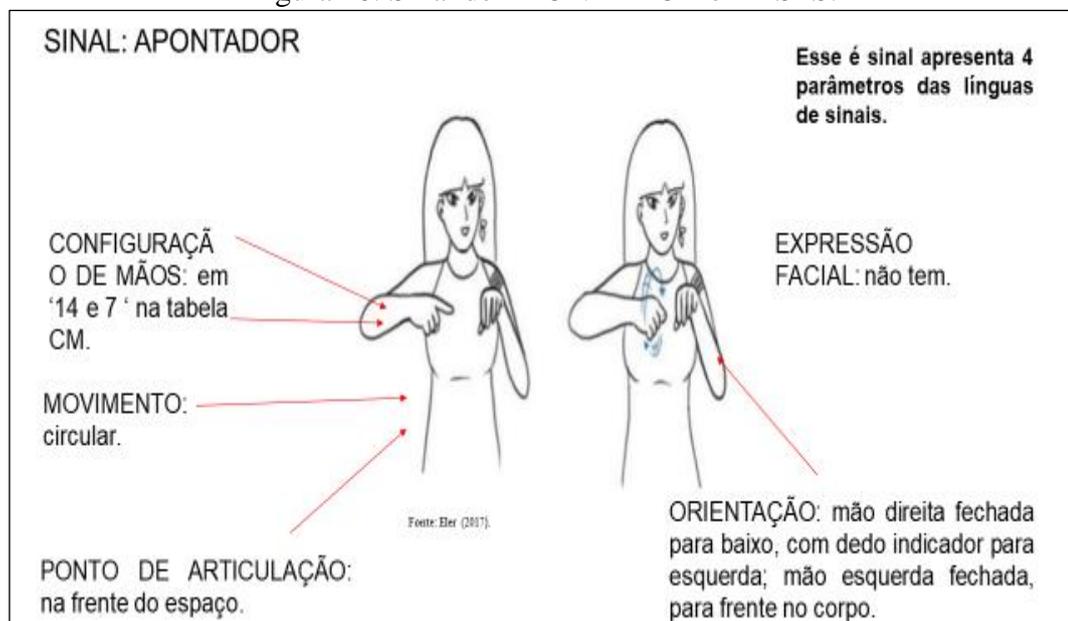
<https://youtu.be/P3JYP0GNBdY>

Os sinais de APONTADOR e CADERNO, temos a descrição da ação dos objetos na formação dos sinais na LSPS. Segundo Quadros (2019), ao abordar os classificadores ou

descritivos visuais faz uma classificação em 3 tipos, autora os conceitua como: “Configurações de mão combinadas para representar uma parte ou o todo de um objeto que tenha uma ou mais das seguintes características (equivalente ao que era chamado de classificadores de entidades, de classe, semântico, tamanho estático e especificação de forma).” (p.77). Assim, observamos que os sinais de APONTADOR e VENTILADOR apresentaram características de classificadores, o primeiro de manipulação demonstrando a forma que ocorre a ação de apontar o lápis e o sinal de VENTILADOR entra na caracterização de CL de tamanho e forma e citado por Quadros (2019), pois representam o objeto.

O sinal de APONTADOR apresenta as configurações de mãos 14 e 7; movimento circular; o ponto de articulação é frente ao corpo no espaço neutro e a orientação sendo a mão direita fechada para baixo, com dedo indicador para esquerda, mão esquerda fechada, frente ao corpo. O sinal de CADERNO temos as configurações de mãos correspondentes são a 57 e 17; com movimento retilíneo à direita angular; o ponto de articulação é horizontal à frente do emissor e a orientação da mão direita aberta, voltada para esquerda, mão esquerda palma para cima.

Figura 26: Sinal de APONTADOR em LSPS.



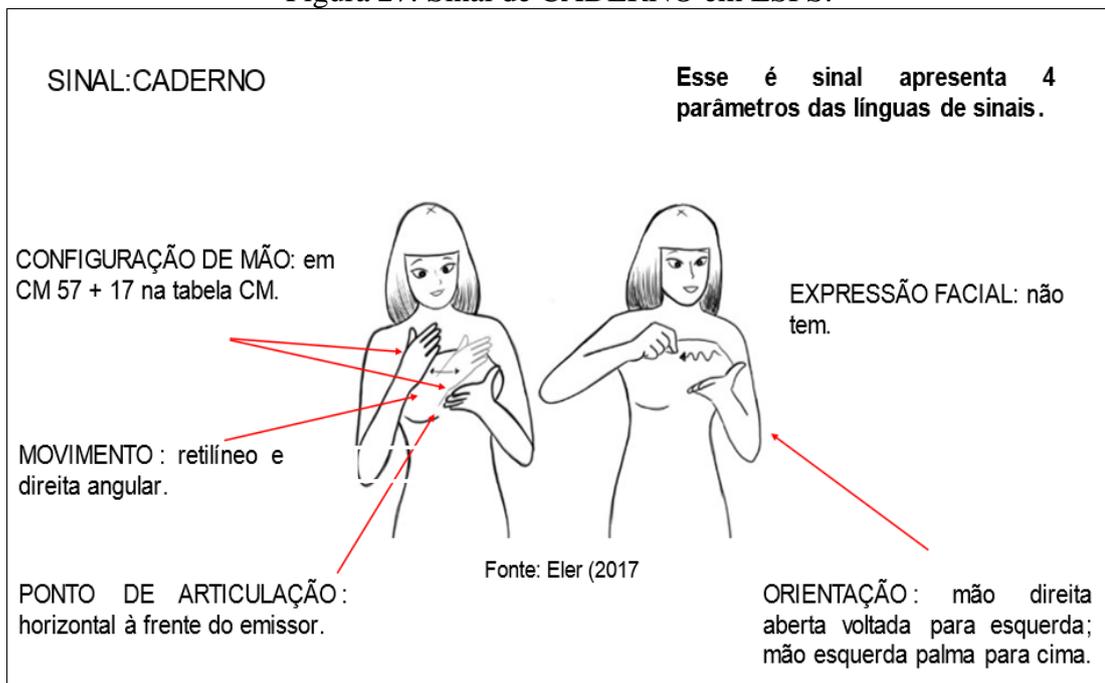
Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/rKhP6B8VXFc>

O sinal de CADERNO as configurações de mãos correspondentes são a 57 e 17; com movimento retilíneo à direita angular, ponto de articulação horizontal à frente do emissor e orientação da mão direita aberta: voltada para esquerda, mão esquerda palma para cima. Esse sinal apresentou ser um sinal composto, Eler 2020 explica: [...] ‘sinais compostos’, quando para formar um conceito eu preciso de mais de um sinal, como foi o caso de GALO, CUTIA, CADERNO, LÁPIS DE COR entre outros.” (p. 131). Vejamos o sinal de CADERNO:

Figura 27: Sinal de CADERNO em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

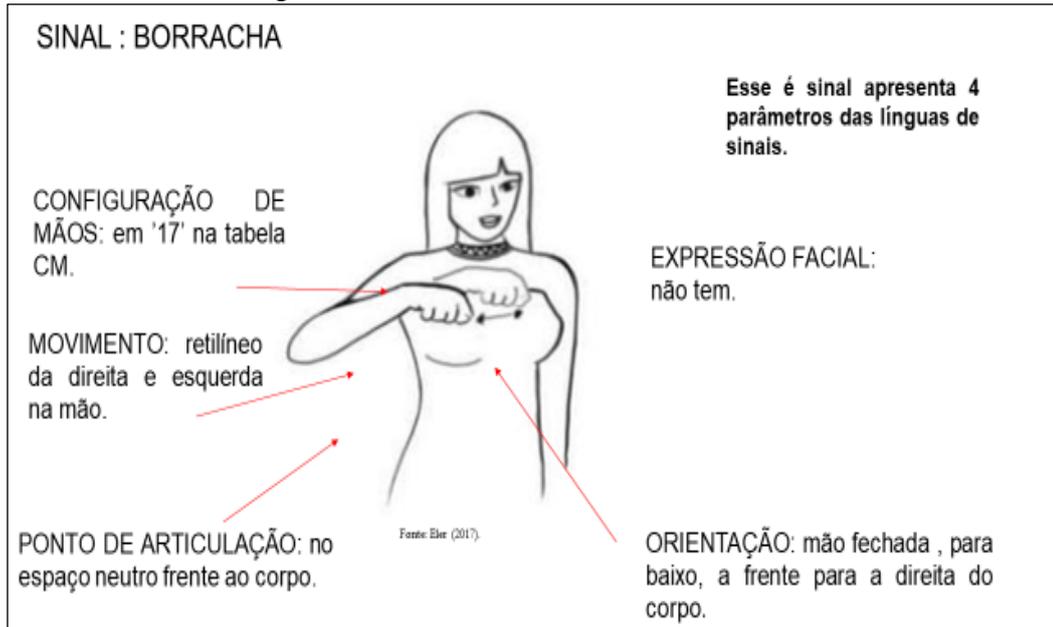


<https://youtu.be/ddqOF0bsWlg>

Os sinais de BORRACHA e PROVA apresentam a característica da iconicidade, pois o sinal apresenta a representação da ação do objeto e do conceito de PROVA. O sinal de PROVA apresenta a característica dos sinais compostos nas línguas de sinais de que será abordado nas análises do sinal de PROVA posteriormente.

Veremos a seguir o sinal de BORRACHA em LSPS:

Figura 28: Sinal de BORRACHA em LSPS.



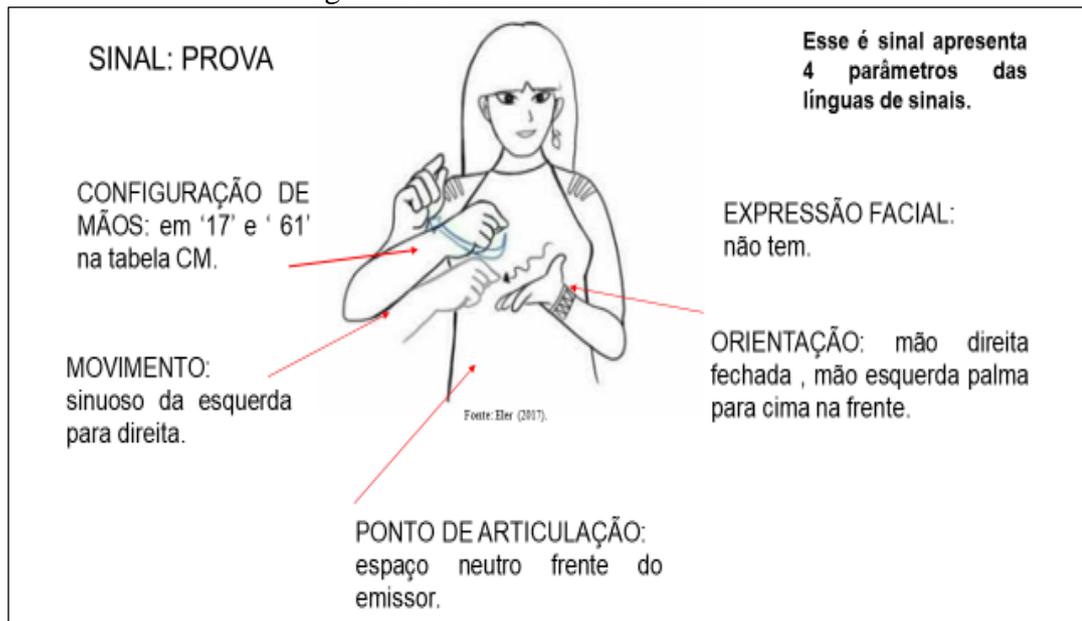
Fonte: Desenvolvida pela autora.



[https://youtube.com/shorts/72cp\\_m6-VWc](https://youtube.com/shorts/72cp_m6-VWc)

O sinal de BORRACHA apresenta as configurações de mãos 17; movimento é retilíneo da direita e esquerda na mão; ponto de articulação no espaço neutro frente ao corpo e orientação mão fechada, para baixo a frente para a direita do corpo. No sinal de PROVA observa-se as configurações de mãos 17 e 61; movimento é sinuoso da esquerda para direita; o ponto de articulação no espaço neutro frente ao emissor e a orientação apresenta a mão direita fechada, mão esquerda palma para cima na frente.

Figura 29: Sinal de PROVA em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



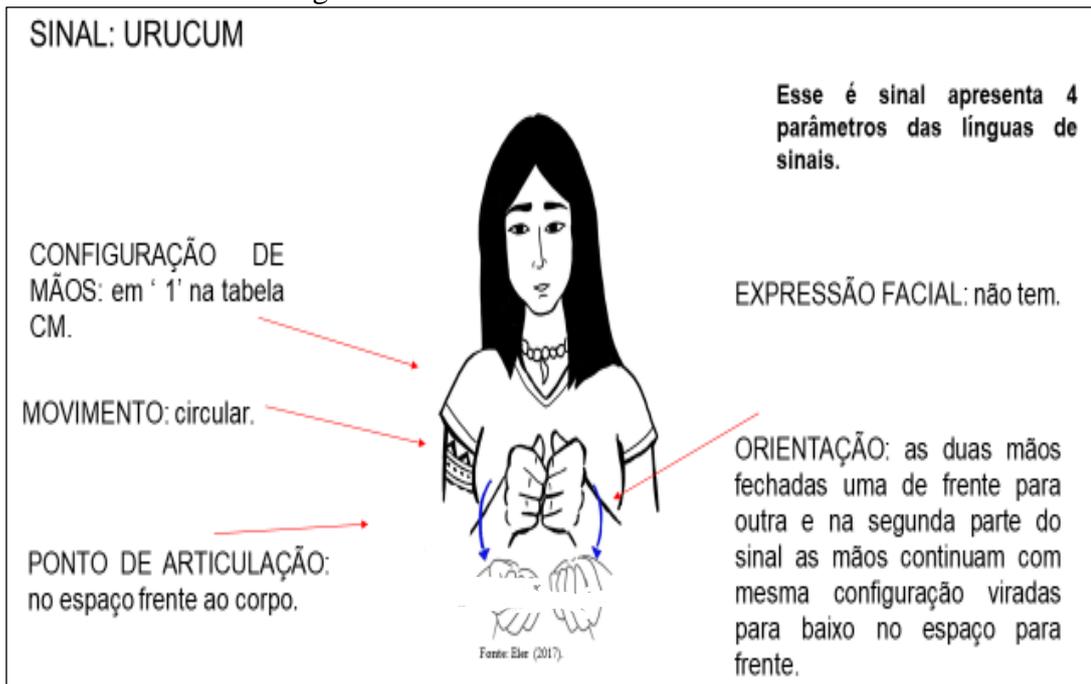
<https://youtube.com/shorts/7R7j9DsdPE>

A iconicidade demonstra uma marca muito forte nos sinais Paiter Suruí, verificamos essa característica em vários sinais como em ESTILINGUE, APONTADOR, BORRACHA, PULSEIRA, PROVA, entre outros, isso ocorre devido à modalidade visual das línguas de sinais, estando presente nos sinais o sentido e o formato dos objetos. “A língua de sinais [...] é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos”. (Strobel, 2016, p. 53). Eler (2020), sobre a iconicidade presente nos sinais Paiter Suruí, explica:

Observa-se a presença da iconicidade, por exemplo, na descrição da ação feita pelo objeto ou do próprio objeto, sendo essa uma das marcas da cultura visual do sujeito surdo, que caracteriza a identidade surda. Essa caracterização esteve presente no sinal de PROVA de que os indígenas surdos criaram com o ícone de correção o do movimento da “água” na hora da descarga para o sinal de BANHEIRO. (Eler, 2020, p. 114).

O sinal de URUCUM apresenta as configurações de mãos em 1; movimento é circular; ponto de articulação no espaço frente ao corpo; a orientação é apresentada com as duas mãos fechadas uma de frente para outra e na segunda parte do sinal as mãos continuam com mesma configuração virada para baixo no espaço para frente. Vejamos o sinal:

Figura 30: Sinal de URUCUM em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

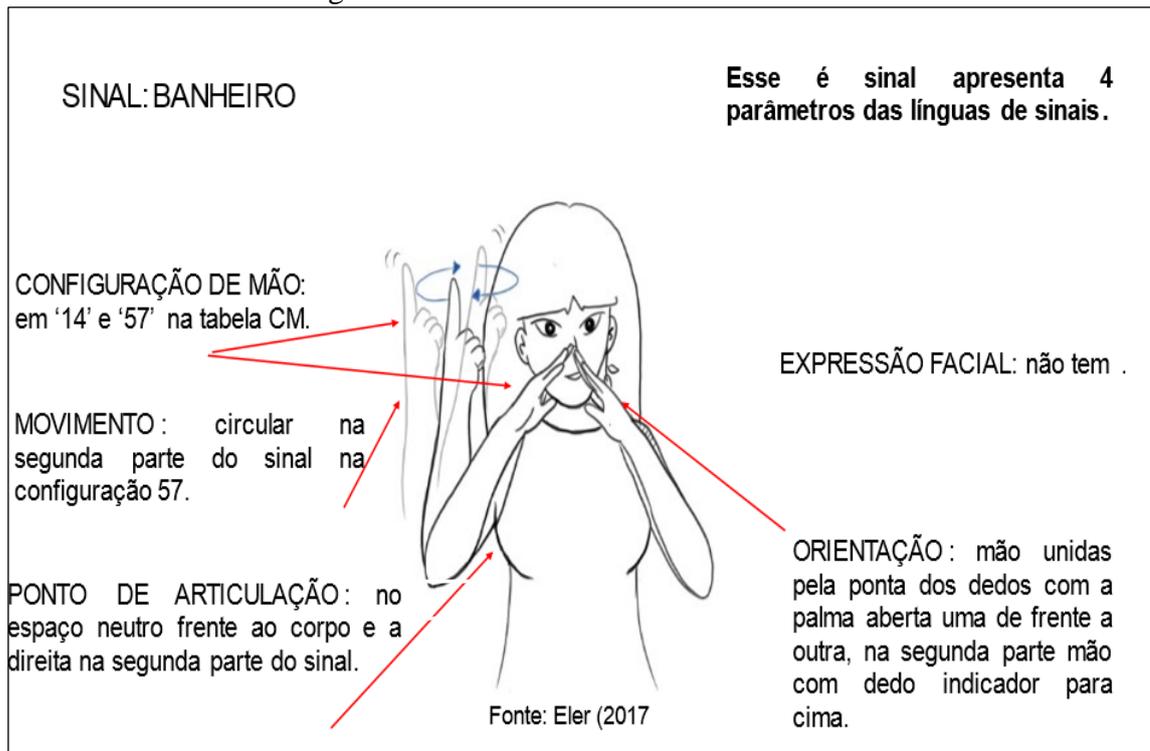


<https://youtu.be/8OaS7CWccbM>

No sinal de PROVA, BANHEIRO e IGREJA, observamos outra característica das línguas de sinais que são os sinais compostos. Os sinais compostos são formados por dois sinais, por exemplo, o sinal de PROVA é constituído pelo sinal ESCREVER e CORRIGIR.

Na Libras o sinal composto ocorre quando é preciso dois ou mais sinais para representar um único conceito, Felipe (2006) conceituou como: “Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa”. (p. 24). Em Libras temos por exemplos o sinal do BANHEIRO é formado pelo ícone de TELHADO e conforme Eler (2020) abordou em sua pesquisa “Observa-se no sinal de BANHEIRO que sinalizaram o sinal de CASA que é usado na Libras, representado pelo ícone do “telhado” juntamente com o movimento da água.” (p. 109). A complementação do movimento ao dar descarga no banheiro. Segue o sinal descrito:

Figura 31: Sinal de BANHEIRO em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

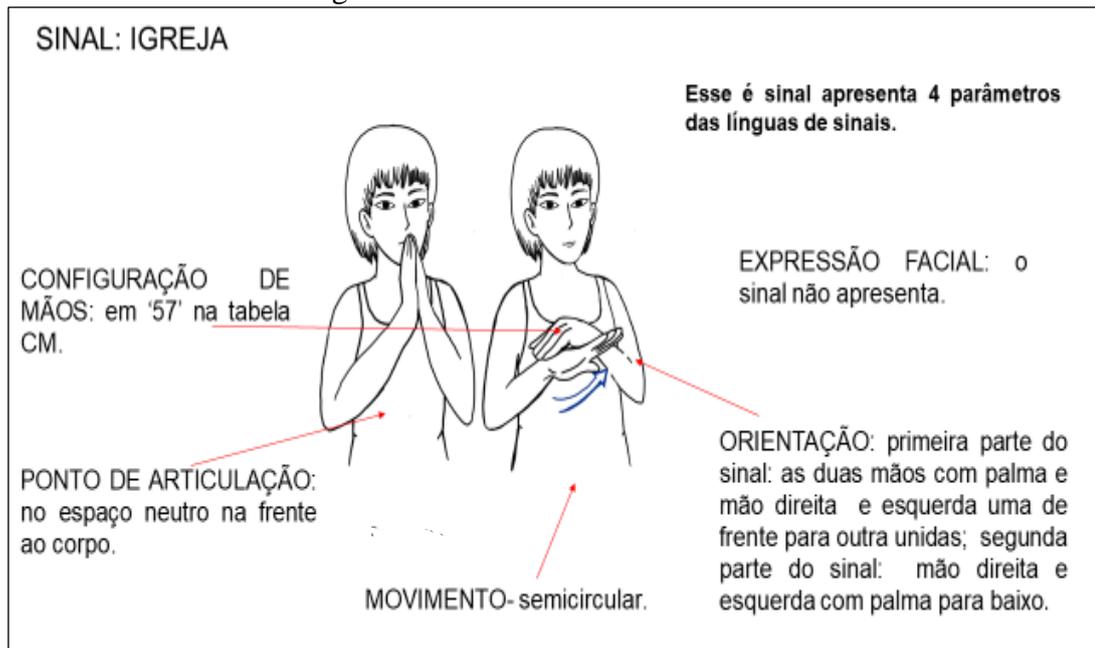


<https://youtube.com/shorts/ecjUMZTNEFQ>

O sinal de IGREJA também foi classificado como um sinal composto. Tivemos o ícone de REZAR e sinal de DENTRO formando a expressão 'lugar que as pessoas estão dentro', como relata Gregianini ao explicar o contexto do sinal: “[...] sinal indicando ‘dentro’, ou seja, um lugar em que se ‘reza dentro’”. (p. 143).

Vejamos o caso do sinal de IGREJA em LSPS:

Figura 32: Sinal de IGREJA em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/v5pfrHz6YCK>

Outro sinal que descrevemos foi o sinal de BICICLETA. Ele apresenta as configurações de mãos 07; movimento circular; o ponto de articulação é no espaço neutro frente ao corpo e a orientação acontece com as mãos fechadas para baixo do espaço para frente. Neste sinal temos a iconicidade comum às línguas de sinais pelo fato de serem de modalidade espaço-visual. Esse sinal apresenta similaridade com o sinal do objeto na Libras, isto se dá pelo fato do traço da visualidade estar presente nas línguas sinalizadas.

Segue a descrição do sinal de BICICLETA:

Figura 33: Sinal de BICICLETA em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/49fJarbf8J8>

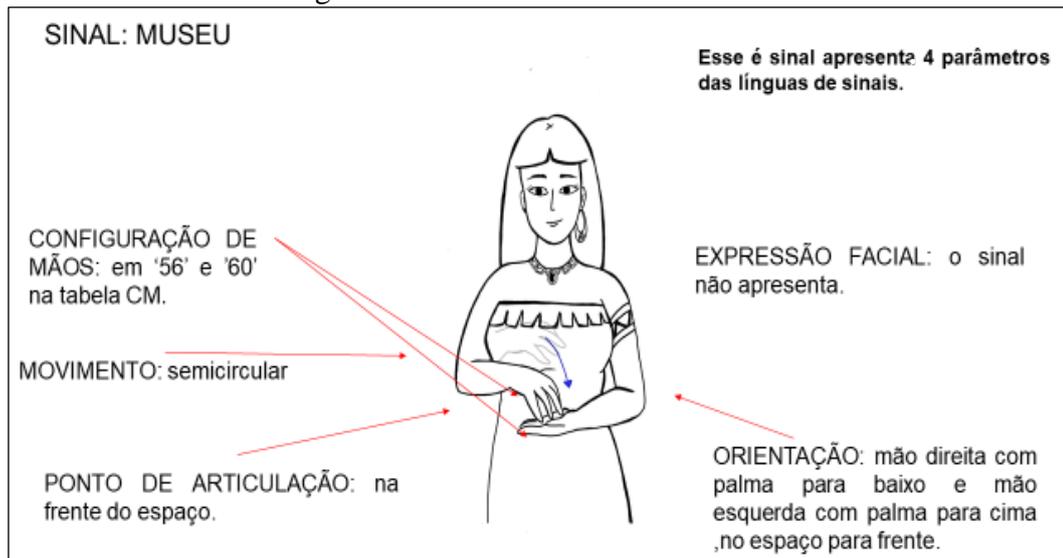
Vejamos a descrição do sinal de MUSEU, o sinal apresenta as configurações de mãos 56 e 60; movimento semicircular; o ponto de articulação na frente do espaço e orientação mão direita com palma para baixo e mão esquerda com palma para cima, no espaço para frente. Esse sinal é icônico ao Museu Paiter Suruí. A mão de apoio na formação do sinal é como se fosse o referente ao chão onde o museu está. Segue a imagem do museu e após a descrição do sinal:

Figura 34 – Museu Paiter A Soe



Fonte: Gregianini (2017).

Figura 35: Sinal de MUSEU em LSPS.



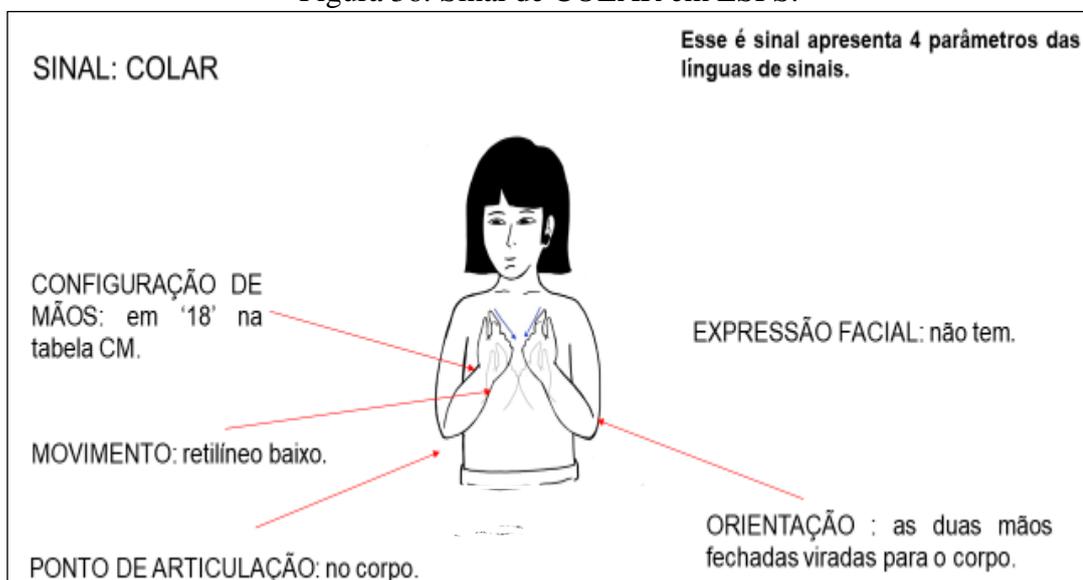
Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/JZCTqxrEOQI>

Vejamos outro sinal descrito, o sinal de COLAR, apresenta as configurações de mãos 1; movimento retilíneo baixo; o ponto de articulação é no corpo na altura do pescoço e orientação das duas mãos fechadas viradas para o corpo. O sinal apresenta iconicidade com o local em que objeto é colocado no pescoço.

Figura 36: Sinal de COLAR em LSPS.



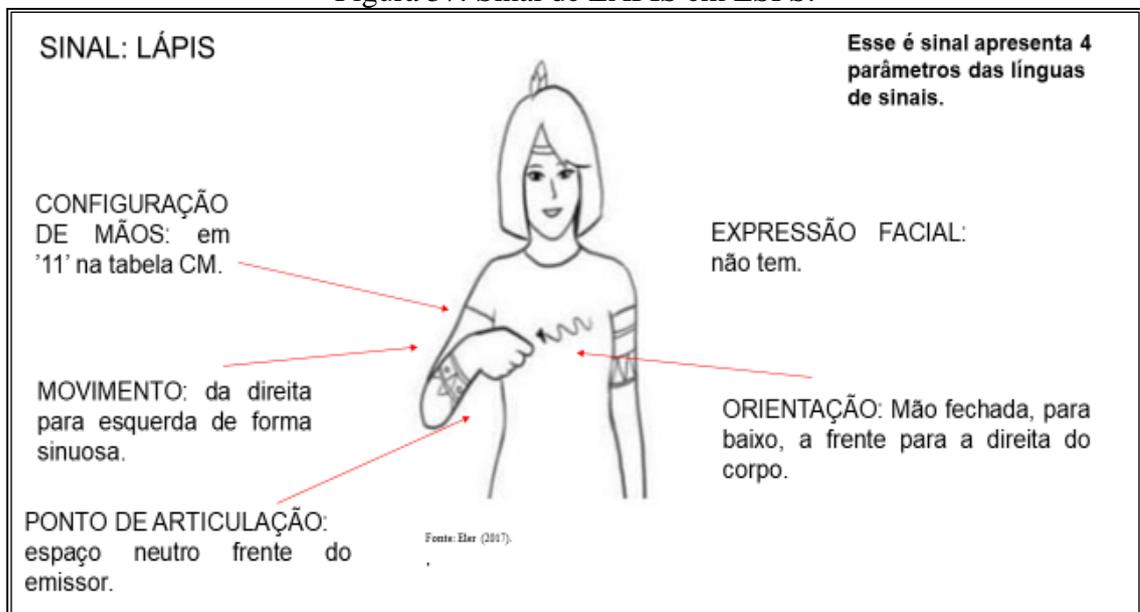
Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/SrCfeY2gYPA>

O sinal de LÁPIS apresenta as configurações de mãos 11; movimento da direita para esquerda de forma sinuosa; orientação, mão fechada para baixo à frente para a direita do corpo e ponto de articulação, espaço neutro frente ao emissor.

Figura 37: Sinal de LÁPIS em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

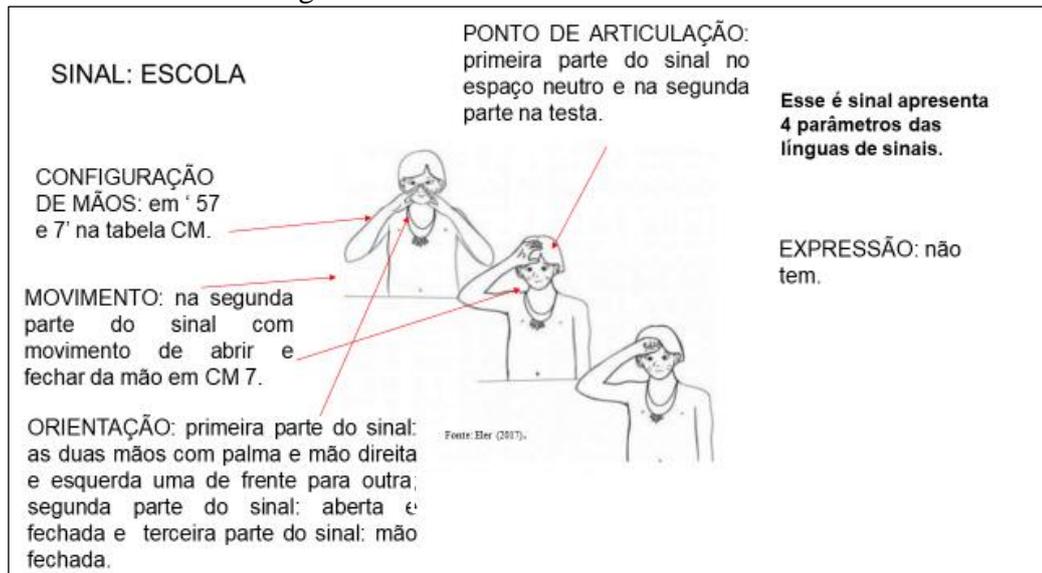


[https://youtu.be/Xg4X84txw\\_k](https://youtu.be/Xg4X84txw_k)

O sinal de ESCOLA apresenta as configurações de mãos 57 e 07; os movimentos na segunda parte do sinal se apresentam com o movimento de abrir e fechar da mão em CM 07; a orientação na primeira parte do sinal apresenta as duas mãos com palma e mão direita e esquerda uma de frente, para outra segunda parte do sinal, aberta e fechada e terceira parte do sinal mão fechada; e por último o ponto de articulação primeira parte do sinal acontece no

espaço neutro e na segunda parte na testa. Esse sinal apresentou na sua formação empréstimos linguísticos da Libras, conforme Eler (2020), abordou: “O sinal de ESCOLA foi feito com dois sinais da Libras: o de CASA e o de APRENDER [...] para ESCOLA como conceito eles sinalizaram “casa em que se aprende”. (p. 89-90).

Figura 38: Sinal de ESCOLA em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.

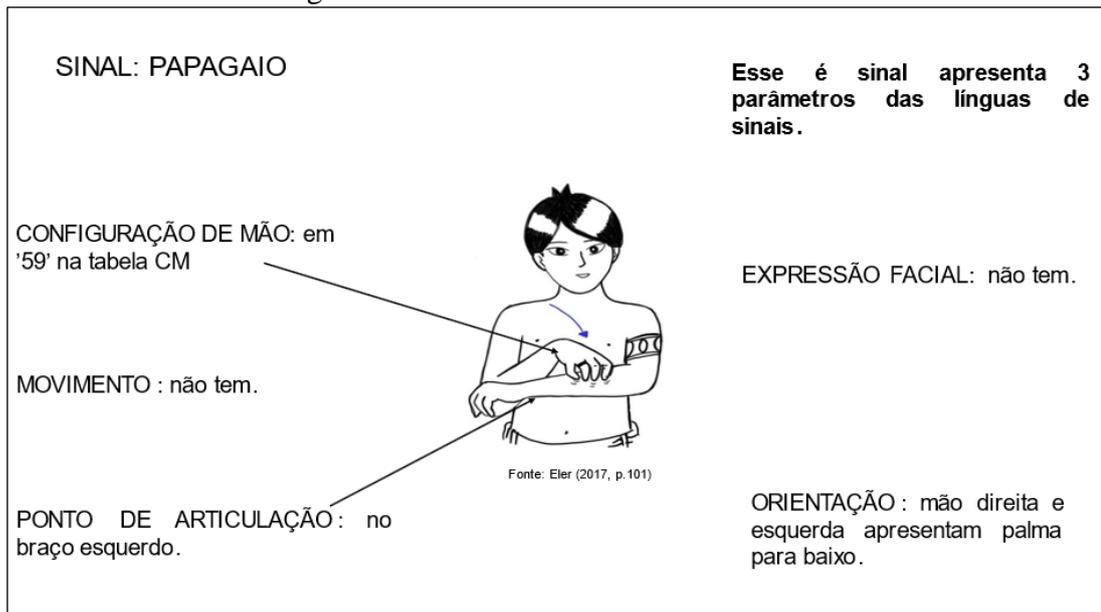


<https://youtu.be/rVlalC8YtqQ>

#### 4.3.3 Sinais com três parâmetros

Os sinais que são formados com três dos cinco parâmetros na formação de um sinal nas são sinais que apresentam os parâmetros (CM), (O) e (PA) nestes sinais os parâmetros de expressões não manuais e (M) não estão presentes na formação dos sinais.

Figura 39: Sinal de PAPAGAIO em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtu.be/yhlfAfOcGkQ>

O sinal de PAPAGAIO apresenta uma característica cultural da aldeia na sinalização, Eler (2020, p. 121), descreveu a motivação do sinal assim: “[...] para PAPAGAIO a criação do sinal foi motivada pelo costume, na aldeia de carregar o animal do braço, mostrando a carga cultural nele presente.” O sinal de PAPAGAIO apresenta as configurações de mãos em 59; não apresenta movimento e expressão não manual que o caracteriza como sinal formado com três parâmetros; a orientação acontece com a mão direita e esquerda com a palma para baixo e o ponto de articulação é no braço esquerdo.

O sinal de BOI apresenta as configurações de mãos em 14; as duas mãos com a mesma configuração; a orientação da mão se apresenta com dedo direito e mão dedo esquerda para cima; o ponto de articulação é na cabeça; esse sinal não apresenta movimento e expressão não manual. A seguir o sinal descrito:

Figura 40: Sinal de BOI em LSPS.



Fonte: Desenvolvida pela autora.



<https://youtube.com/shorts/IRZuNKO7qzQ>

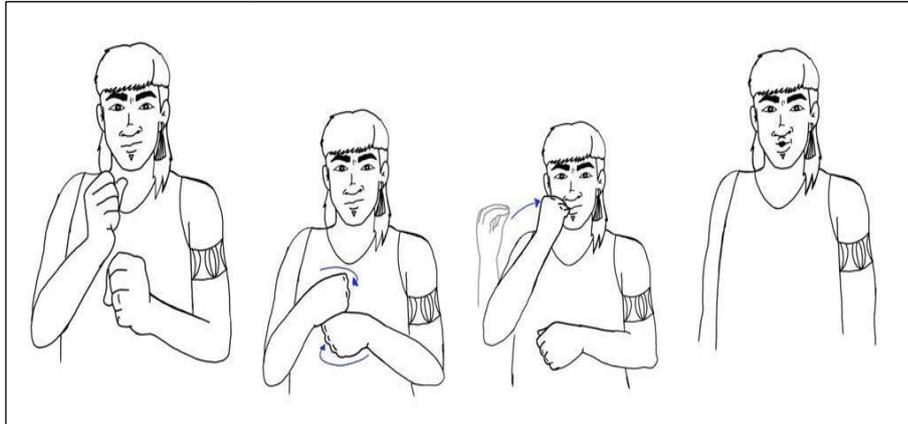
Os parâmetros ausentes nos sinais de três parâmetros foram o movimento e expressão não manual. Observamos que sempre que acontece um sinal com três parâmetros são esses dois que não apresentam, tanto na Libras como na LSPS.

#### 4.4 Considerações sobre a influência da cultura nos sinais nos sinais Paiter Suruí.

Eler (2020), citou algumas características encontradas na LSPS. Uma delas é a marca da cultura Paiter, ou seja, dos seus costumes que esteve presente nos sinais de BANHEIRO, COLAR, URUCUM e PULSEIRA, entre outros, a iconicidade esteve presente como uma marca muito forte nos sinais. Que segundo Quadros (2019), afirma que é uma característica gramatical que está muito presente nas línguas mais jovens, devido à modalidade espaço-visual das Línguas de Sinais. Outra característica descrita por Eler (2020), foram sinais em que são complementados com um som, que diz: “[...] há alguns sinais que o som e as expressões não manuais complementam o sinal como foi o caso de PEIXE-ELÉTRICO, PACA e COBRA.” (p. 131). Vimos, no sinal de COBRA e PACA, o uso dos parâmetros das línguas de sinais que são as expressões não manuais e o uso do som na complementação do sinal, segundo Eler (2020), que diz: “Para PEIXE-ELÉTRICO, um dos indígenas surdo sinalizou com o sinal de

PEIXE acompanhado com um ‘som de chiar’ e a mão com movimento de abrir e fechar como se estivesse representando o som do choque elétrico.” (p. 118). Esteve presente esse parâmetro das expressões não manuais, que são as expressões do corpo que dão clareza ao discurso, como nos sinais INGÁ, FLOR e SOL, na forma de comer a fruta (última parte do sinal a seguir), no sentido de cheiro que a flor exala e na forma de fechar os olhos por causa da claridade do sol.

Figura 41 – Sinal de INGÁ em LSPS.



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).



<https://youtube.com/shorts/-iKupJeuKME>

Figura 42– Sinal de FLOR em LSPS.



Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).



<https://youtube.com/shorts/I-DvX3IYnxk>

Figura 43 – Sinal de SOL em LSPS.



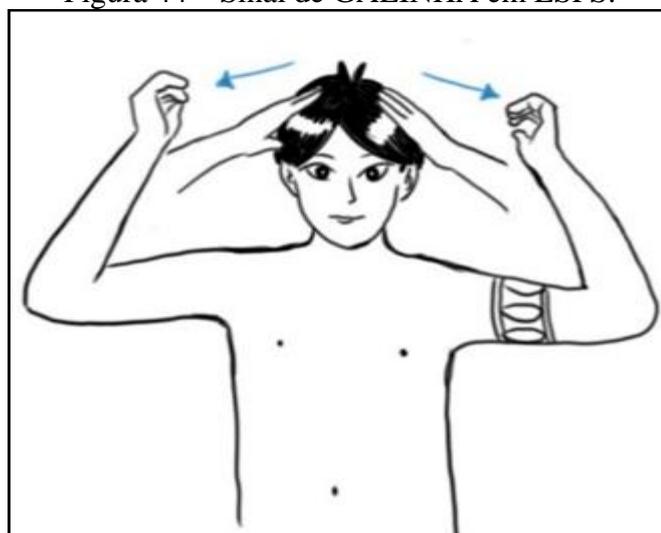
Fonte: (desenvolvida pela autora e por Suzana Frota).



<https://youtube.com/shorts/IJ1SVDrq8no>

A última característica abordada por Eler (2020), foi a arbitrariedade, encontrada no sinal de GALINHA. A arbitrariedade se caracteriza por não haver motivação à ação ou a forma do objeto, as autoras Quadros e Karnopp (2004), ao abordar os sinais arbitrários, explicam: [...] dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma”, (Quadros; Karnopp, 2004, p. 26).

Figura 44 – Sinal de GALINHA em LSPS.



Fonte: Eler (2017, p. 88).



<https://youtu.be/Ua1IrNKLiCk>

Esses foram alguns sinais analisados nesta pesquisa. Podemos verificar que os sinais Paiter Suruí apresentam a mesma estrutura no que se refere aos parâmetros das línguas de sinais.

Para além dos parâmetros que estão relacionados com a estrutura das línguas de sinais registrados também o que varia na Língua de Sinais Paiter Suruí na formulação de muitos de seus sinais são os aspectos culturais e da vivência daquele povo que encontramos por exemplo no sinal de PAPAGAIO que foi sinalizado com a forma cultural que o animal é carregado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as pesquisas em andamento sobre esta temática pode se concluir que as línguas de sinais não oficiais estão em discussão no meio acadêmico e isto é muito positivo, pois essas pesquisas contribuem para divulgar a temática na sociedade e conscientizar as comunidades sobre a importância de dar uma atenção especial aos surdos indígenas e a essas línguas de sinais que estão nascendo nessas comunidades. O reconhecimento dessas línguas naturais é muito importante para o desenvolvimento acadêmico e social desses indivíduos e para dar *status* de língua natural e valorização das línguas de sinais.

Os resultados dessas pesquisas mostram que as estruturas dessas línguas naturais apresentam a mesma estrutura das línguas de sinais já oficializadas no mundo, sendo de modalidade espaço visual, essa modalidade difere das línguas faladas/orais que é oral auditiva, mas que estruturalmente apresentam os mesmos aspectos das línguas de sinais, ainda necessitam de mais pesquisas para aprofundar nas gramáticas das dessas línguas.

Assim, através da metodologia estado da arte pode-se fazer o percurso para descrever as pesquisas com esse grupo ainda com pouca visibilidade na sociedade atual. Essas pesquisas têm contribuído para melhorar a inclusão desses sujeitos em suas comunidades, nas escolas em que frequentam e despertar para que mais pesquisas sejam realizadas, no intuito de contribuir para mais aprofundamento dessas línguas de sinais naturais que vem surgindo pela necessidade inata que o ser humano tem de se comunicar.

A aprendizagem da Libras deve ser opcional para se comunicar com outros surdos usuários dela, mas não uma imposição para esses indígenas. No futuro eles poderão se profissionalizar em qualquer curso nas faculdades de qualquer lugar, acredito que eles terão sucesso e igualdade de oportunidade na comunidade surda. O professor surdo que atende esse grupo de indígenas surdos tem essa visão de respeitar os sinais e incentivá-los na LSPS.

No trabalho foi abordado os cinco parâmetros de Libras se estes estavam presentes nos sinais Paiter Suruí, os sinais analisados foram retirados das pesquisas de Eler (2017, 2020), Costa (2017) e Gregianini (2017), com os surdos Paiter Suruí no município de Cacoal. Foi feito um mapeamento de sinais no contexto escolar, familiar e social. Minha pesquisa teve o objetivo de encontrar os 5 parâmetros da Libras nos sinais Paiter Suruí registrados nas pesquisas acima citadas e fazer uma descrição inicial dos sinais que analisei.

A importância do tema se deu pelo fato de contribuir para dar continuidade às pesquisas anteriores e divulgar os estudos sobre os indígenas surdos no meio acadêmico, pois

são um grupo pequeno com pouca visibilidade no cenário atual do Brasil, mas que tem ganhado abrangência nos últimos anos por pesquisadores da área. Assim, esse estudo me oportunizou uma experiência, como surda, de ter contato com uma língua de sinais indígena.

Entre os resultados foram confirmados que sinais Paiter Suruí apresentam a estrutura básica das línguas de sinais, em específico aos 5 parâmetros da Libras ou de qualquer língua sinalizada. Entre os sinais foram encontrados sinais formados com quatro parâmetros das línguas de sinais como o sinal de BATATA-DOCE que apresenta configuração de mão, ponto de articulação, movimento e orientação. O sinal de COBRA contemplou os 5 parâmetros, nas expressões não manuais foi usado a língua para completar o sentido do sinal. Assim, essa pesquisa comprova a estrutura das línguas de sinais que estão presentes na formação dos sinais Paiter Suruí.

O *status* de língua da LSPS se dá, não só pelo fato desta pesquisa encontrar os parâmetros das línguas de sinais. Nos padrões de ciência linguística vinculado às línguas, essas línguas memorizadas, mesmo que devido seu ambiente e número reduzidos de falantes ou sinalizados, se constitui como língua de igual maneira. Pois, os estudos científicos mostram que não há línguas melhores ou piores que as outras, essas línguas produzem comunicação de maneira efetiva e eficiente entre seus usuários.

Um dos objetivos específicos, alcançado parcialmente, foi sobre a história das indígenas Paiter Suruí. Devido à pandemia da covid-19 não foi possível fazer nova visita à aldeia para obter novas informações sobre a história deles, pois, nas dissertações de 2017 que fundamentaram esse estudo consegui poucas informações.

O processo de registro e reconhecimento desses sinais têm sido árduas para os indígenas surdos, professores, pesquisadores e familiares, pois, esses conhecimentos e informações, ainda, precisam ser mais divulgados na sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, B. R. N; MEDEIROS, H. Q. 2019. O bilinguismo dos surdos e o transitar nas teorias do conhecimento. v. 1 n. 7 (2019): **Revista Diálogos Interdisciplinares - GEPFIP**, disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/9598>> Acesso em: maio/2022.
- AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Mapeamento e contribuições linguísticas do professor surdo aos índios surdos da etnia Sateré-Mawé na microrregião de Parintins**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras Artes da UEA, Manaus/AM: 2015.
- BRASIL. Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002. **Lei de Libras. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências**. DOU, Brasília, 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.ht](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.ht). Acesso em: julho/2016.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Diário oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)> Acesso em: outubro/2020.
- BRITO, L. F. **A Gramática de Libras**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/22653284/A-Gramatica-de-Libras-LUCINDA-FERREIRA-BRITO>. Acesso em: outubro/2013.
- CAPOVILLA, Fernando C.; RAPHAEL, Walkiria D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras**. 1º ed. 3º reimpressão. São Paulo: CNPq/[Fundação] Vitae/ Fapesp/Capes/Inep/Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- COELHO, Luciana Lopes. **A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani-Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola**. – Dissertação de mestrado. Programa Pós-Graduação – em Educação, da Faculdade de Educação da UFGD. Dourados/MS: 2011.
- COSTA, M. G. L. **Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2017.
- ELER, R. R. S. **Mapeamento de sinais da educação escolar indígena dos surdos Paiter Suruí**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2017.
- ELER, R. R. S. **Língua de sinais Paiter Suruí: sinais do ambiente escolar**. 1ª ed. Ji-Paraná-RO: Clube dos Autores, ISBN 978.65.00.01316-0, 2020.
- ELER, R. R. S. **Estudo comparativo entre sinais da Libras, ASL e da Língua de Sinais dos indígenas surdos Paiter Suruí**. Trabalho de Conclusão de Curso (Tese/Doutorado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto**. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <[https://www.faseh.edu.br/biblioteca/\\_arquivos/acervo\\_digital/Libras\\_em\\_contexto\\_Livro\\_do\\_Professor.pdf](https://www.faseh.edu.br/biblioteca/_arquivos/acervo_digital/Libras_em_contexto_Livro_do_Professor.pdf)>. Acesso em: março/2021.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Inclusivos da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC: 2008.

GODOY, G. **Os Ka'apor, os gestos e os sinais**. 2020, 385f. Tese (Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GREGIANINI, L. C. B. **Mapeando os sinais Paiter Suruí no contexto da comunidade**. Dissertação do Mestrado em Letras da Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO: 2017.

LEITE, Tarcísio de Arantes; QUADROS, Ronice M. Língua de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Muller; LEITE, Tarcísio de Arantes; (orgs.), **Série Estudos de Língua de Sinais**. Florianópolis: Insular. 2014, v.II.

MEYER, Dagmar Estermann, PARAÍSO, Marluce Alves (orgs.). **Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MINEIRO, Ana; CARMO, Patrícia. Língua Gestual de São Tomé e Príncipe. **Revista de Estudos Linguísticos** da Universidade do Porto - Vol. 11 - 2016 - 161-182.

PEREIRA, Éverton Luís. "**Fazendo cena na cidade dos mudos**": surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí; Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis/SC: 2013.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. de. **Libras- Linguística para o Ensino Superior**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Muller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As Pesquisas denominadas do tipo "Estado Da Arte" Em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19, septiembre-diciembre, 2006, pp. 37-50 Pontifícia Universidade Católica do Paraná –PR.

SACKS, O. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTANA, A. P. ; GUARINELLO, A. C.; BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 297-306, abr./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/vC4Zv8KfMqpnxtcGvpMbXcM/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: março/2022.

SILVA, Diná Souza da. **Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre – CE)**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis, 2021.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca Pereira. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Disponível em: <http://www.mec.inep.gov.br>, 2000. Acesso em: junho/2021.

SOARES, P. A. S. Língua Terena de sinais> análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos **os terena na Terra Indígena Cachoeirinha**. Tese de doutorado em Linguística de língua Portuguesa - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara/SP: 2018.

SOUSA, A. M. – **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os terenas: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos**. 2014. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara/SP: 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115690>>.

SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013. 6ª ed.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial.- Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

VILHALVA, Shirley. **Índios surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis - RJ: Arara Azul, 2012.

## ANEXOS - Sinais originais utilizados na dissertação

### IGREJA



Fonte: Gregianini (2017, p. 143).

### MUSEU



Fonte: Gregianini (2017, p. 148).

### URUCUM



Fonte: Gregianini (2017, p. 114).

## COLAR



Fonte: Gregianini (2017, p. 123).

## BATATA-DOCE



Fonte: Costa (2017, p. 160).

## BICICLETA



Fonte: Costa (2017, p. 110).

## VENTILADOR



Fonte: Costa (2017, p. 133).

## COCAR



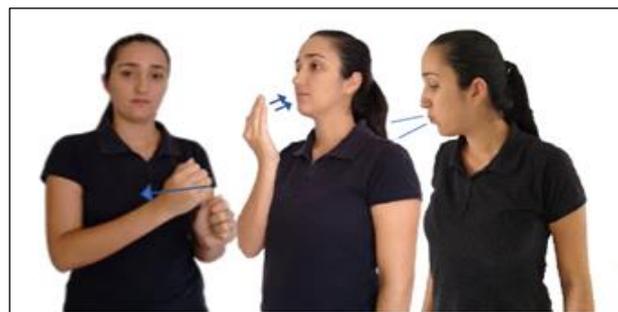
Fonte: Costa (2017, p. 150).

## PULSEIRA



Fonte: Costa (2017, p. 154).

## INGÁ



Fonte: Gregianini (2017, p. 112).

## SOL



Fonte: Gregianini (2017, p. 162)

Parecer Técnico nº 002/13 – CEE/SEB/SEDUC.

  
 GOVERNO DO ESTADO DE RONDÔNIA  
 SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO  
 DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO  
 SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA - SEB  
 COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL - CEE/SEB/GE/SEDUC  
 Rua Pe. Chiquinho, Palácio Rio Madeira, Edifício Rio Soropó-Reto 2, Bairro Pedrinhas, Fone: 3218-59-55  
 CEP: 76.801-000 Porto Velho-RO

**PARECER TÉCNICO Nº002 /13 – CEE/SEB/GE/SEDUC**

Porto Velho, 06 de fevereiro de 2013.

**INTERESSADO:** CRE/SEDUC/ Ji-Paraná

**DOCUMENTO:** Projeto de Sala Bilingue para alunos surdos do Ensino Médio

**HISTÓRICO:** Resposta ao Ofício nº 257/PED/CRE/JP de 13 de dezembro de 2012, que solicita parecer sobre a implantação de sala bilingue para alunos surdos do Ensino Médio no município de Ji-Paraná.

**ASSUNTO:** Análise e Parecer Técnico do “Projeto Sala Bilingue para alunos surdos do Ensino Médio”.

**APRECIÇÃO:** De acordo com análise e estudo do “Projeto Sala Bilingue para alunos surdos do Ensino Médio”, constatamos que:

- a proposta de implantação da sala bilingue (LIBRAS e Português escrito) em uma escola pública de Ji-Paraná tem como objetivo a inclusão linguística dos alunos do ensino médio;
- para o ano letivo de 2013 o projeto já possui aproximadamente 17 alunos surdos interessados na matrícula para cursarem o 1º ano do ensino médio;
- posteriormente serão implantadas gradativamente as turmas de 2º e 3º ano do ensino médio;
- Os professores capacitados para implantação da referida sala já estão lotados na escola.

**CONCLUSÃO:** Diante do exposto, enfatizamos que a proposta curricular de educação bilingue deve contemplar as experiências visuais, o uso e o ensino da língua de sinais e

da língua portuguesa, os livros didáticos acessíveis, a aprendizagem da LIBRAS pela comunidade escolar, bem como a interação entre alunos surdos e ouvintes, para o desenvolvimento linguístico, cultural e pedagógico, no mesmo ambiente educacional, considerando que fazem parte de uma sociedade e que compartilham de elementos e criações culturais de surdos e ouvintes, bem como de conhecimentos e valores éticos, políticos e sociais, construídos individual e coletivamente.

Esse atendimento deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família e ser realizado com ênfase na inclusão.

Os professores com capacitação apropriada devem oferecer também à comunidade escolar de alunos ouvintes interessados, cursos de Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como forma de envolver toda a comunidade escolar neste processo de inclusão.

De acordo com o Decreto 5.625/2005, capítulo IV, artigo 22: As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

- I – escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;
- II – escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de libras – língua portuguesa.

Levando em consideração que é de interesse da comunidade escolar a implantação da sala bilíngue para surdos e em conformidade com o Decreto Federal acima citado, afirmamos ser nosso parecer favorável à implantação da sala bilíngue para alunos surdos do ensino médio no município de Ji-Paraná a iniciar-se no ano letivo de 2013.

É o parecer.

  
Lúcia Christina Souza Dantas  
Coordenadora da CEE/SEB/GE/SEDUC

  
Alba Patrícia Correia  
Técnica da CEE/SEB/GE/SEDUC

  
Daniele Cosme Santos  
Técnica da CEE/SEB/GE/SEDUC